



FACULDADE CALAFIORI

IARA CRISTINA DE SOUSA MARÇAL

VALDIRENE SOARES

**A LITERATURA INFANTOJUVENIL DE ELIAS
JOSÉ E SUA INFLUÊNCIA PARA A
CONSTRUÇÃO DE UM NOVO LEITOR**

SÃO SEBASTIÃO DO PARAÍSO

2014

IARA CRISTINA DE SOUSA MARÇAL
VALDIRENE SOARES

**A LITERATURA INFANTOJUVENIL DE ELIAS
JOSÉ E SUA INFLUÊNCIA PARA A CONSTRUÇÃO
DE UM NOVO LEITOR**

Monografia apresentada à Faculdade Calafiori,
como parte dos requisitos para a obtenção do título
de Licenciado (a) em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Esp. Sára Maria Caixeta de
Oliveira

SÃO SEBASTIÃO DO PARAÍSO

2014

FOLHA DE AVALIAÇÃO

**TEMA: A INFLUÊNCIA DA LITERATURA INFANTOJUVENIL DE
ELIAS JOSÉ: A CONSTRUÇÃO DE UM NOVO LEITOR**

CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

AVALIAÇÃO: () _____

Professor (a) Orientador (a): Professora Especialista Sára Maria Caixeta de Oliveira

Professor (a) Avaliador (a) da Banca: Professor Mestre César Clemente

Professor (a) Avaliador (a) da Banca: Professor Especialista Cláudio Manoel Person

São Sebastião do Paraíso – MG

2014

Dedico esse trabalho a todos que colaboraram comigo e principalmente ao João e Beatriz, que são as minhas maiores inspirações. Valdirene

Dedico esta monografia a minha família pela fé e confiança demonstradas em mim. Aos meus pais, pelo apoio incondicional, ao meu marido que ficou com nossos filhos para que eu pudesse realizar meu sonho. A minha professora Sara Maria Caixeta que nos orientou e ajudou, enfim, a todos que de alguma forma tornaram este caminho mais fácil de ser percorrido. Iara

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Deus, profundo conhecedor e ajudador. Aos nossos pais e companheiros pelo amor, amizade e apoio incondicionais. À professora Sára Caixeta, pela orientação, tranquilidade e compreensão. Aos colegas de turma, com quem cursamos Pedagogia, e vivemos momentos inesquecíveis. Enfim, a todos aqueles que em cada gesto, incentivo contribuíram direta ou indiretamente para o nosso crescimento e para que chegássemos até aqui.

[...] a leitura do mundo antecede a leitura da palavra. E a leitura desta implica na releitura daquela e dessa forma, é de fundamental importância que o professor procure identificar que conhecimentos os alunos trazem sobre para daí, dar continuidade ao processo de aprendizagem da leitura e da escrita. FREIRE (2000, p.24)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 A LEITURA E A FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO	15
2.1 A LEITURA E SUA TRAJETÓRIA	16
2.2 LEITURA: UMA AVENTURA EM DESCOBERTA	17
2.3 LITERATURA INFANTOJUVENIL - INSTRUMENTO EDUCACIONAL	22
3 VIDA E OBRA DO ÍCONE DA LITERATURA INFANTOJUVENIL	26
3.1 O REALISMO MÁGICO DE ELIAS JOSÉ	27
3.2 O EDUCADOR, POETA E ROMANCISTA E A LITERATURA BRASILEIRA	31
3.3 O RECONHECIMENTO – PRÊMIO JABUTI	48
3.4 O EDUCADOR QUE ESCREVEU, O ESCRITOR QUE EDUCOU	49
3.4.1 Literatura e Metodologia de Ensino	53
3.4.2 Aprendizes de Elias José - Análise de Depoimentos	57
3.5 INSTITUTO ELIAS JOSÉ	69
CONCLUSÃO	72
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	75
ANEXO 01: PROTOCOLO NIP	77
ANEXO 02: APRENDIZES DE ELIAS JOSÉ	78

RESUMO

Contar histórias é a mais antiga das artes. A criança, por meio da literatura, desenvolve as capacidades psicossociais necessárias à sua vida adulta, por isso é essencial que se lhe proporcione variado material de leitura e escrita. Elias José, mineiro do distrito de Santa Cruz do Prata, Guaranésia, é um dos autores infanto-juvenis que apresentam obras caracterizadas pela capacidade de despertar na mente da criança a imaginação criadora, o que justifica a escolha da sua obra para a pesquisa. O objetivo geral deste trabalho é contextualizar a Literatura infantojuvenil de Elias José no ambiente escolar e conhecer sua influência na construção de um novo leitor. São objetivos específicos: investigar a vida e obra de Elias José; identificar o estilo e características da sua obra; comprovar a importância de seu trabalho no cenário da literatura brasileira e identificar sua obra como instrumento da prática docente. A literatura infantojuvenil de Elias José realmente contribui para a formação de um novo leitor? A pesquisa literária se utilizou do método de natureza bibliográfica. E, além de livros, foram consultados artigos, sites e depoimentos. De início, o enfoque foi dado à leitura e à formação do indivíduo; a seguir, à vida e obra do escritor, poeta, romancista e educador, incluindo seu estilo literário, análise de algumas obras, a metodologia de ensino em suas histórias e depoimentos de eternos aprendizes. O Instituto Cultural Elias José mereceu atenção - criado em 2008, por iniciativa de Silvia Monteiro Elias, viúva do escritor Elias José, é uma entidade de cunho literário, cultural e artístico, com sede em Guaxupé, Minas Gerais, e tem como objetivo a divulgação da literatura infantil, a fim de manter viva a rica obra do escritor. Elias José é um autor Infantojuvenil capaz de despertar na mente da criança uma imaginação criadora, abrir caminhos para as suas próprias produções. Um dos principais escritores de literatura Infantojuvenil do Brasil, defende a narração como uma arte que diverte, educa, ensina, desperta a criança para o espírito ético, para a verdadeira cidadania e, sobretudo, à leitura literária. Estreou com a obra "Mal Amada", livro de contos, e seu terceiro livro, "Inquieta Viagem no Fundo do Poço", deu-lhe o prêmio Jabuti, em 1974, entre outros. Deixou mais de 100 livros publicados para crianças, jovens e adultos - um legado indiscutível aos educadores. O estilo de escrita de Elias José é marcado pelo realismo mágico, justapondo fantasias oníricas ao absurdo do cotidiano, fundindo o universo mágico à realidade, mostrando elementos irrealis ou estranhos como algo habitual e corriqueiro. Na poesia para crianças, valoriza a temática do cotidiano e o aspecto material das palavras buscando efeitos de sonoridades e trocadilhos, fala com delicadeza das aparentes banalidades cotidianas. Algumas de suas obras mereceram análise. Muitos foram aprendizes de Elias José; de alguns deles foram colhidos depoimentos após aprovação pelo NIP (Núcleo Interno de Pesquisa da Faculdade Calafiori). Conclui-se que a obra de Elias José contribui efetivamente para a formação de um novo leitor e deve ser conhecida e utilizada nas atividades escolares.

Palavras-Chaves: Leitor, Leitura, infantojuvenil e literatura.

ABSTRACT

Storytelling is the oldest of the arts. The child, through literature, develops psychosocial skills needed in adult life, so it is essential that you provide varied material of reading and writing. Elijah Joseph, mining district of Santa Cruz Silver Guaranésia, is an author of children and adolescents who present works characterized by the ability to awaken in the mind of the child's creative imagination, which justifies the choice of his work for the research. The aim of this study is to contextualize the Children's Literature José Elias at school and meet their influence in building a new reader. Specific objectives are: to investigate the life and work of Elijah Joseph; identify the style and characteristics of his work; demonstrate the importance of their work in the scenario of Brazilian literature and identify their work as a means of teaching practice. The infant-juvenile literature José Elias actually contributes to the formation of a new player? A literature search was used the method of bibliographic nature. And in addition to books, articles, websites, and reports were consulted. Initially, the focus was given to reading and training of the individual; then the life and work of the writer, poet, novelist and educator, including its literary style, analysis of some works, the teaching methodology in their stories and testimonials from lifelong learners. The Instituto Cultural José Elias deserved attention - created in 2008 on the initiative of Silvia Monteiro Elias, widow of writer Elijah Joseph, is an entity of literary, cultural and artistic nature, based Guaxupé, Minas Gerais, and aims at dissemination of children's literature in order to keep alive the rich work of the writer. Elias Joseph is a juvenile author able to awaken in the mind of the child a creative imagination, open avenues for their own productions. One of the main writers of children's literature in Brazil, defends the narration as an art that entertains, educates, teaches, awakens the child to the ethical spirit of true citizenship and especially the literary reading. Debuted with the work "unloved", a book of short stories, and his third book, "Restless Journey in the Well Fund", gave him Tortoise Award in 1974, among others. Left more than 100 published books for children, youth and adults - an indisputable educators legacy. The writing style is marked by José Elias magical realism, juxtaposing dreamlike absurdity of everyday fantasies, the magical merging reality universe, showing unreal or strange elements as something normal and commonplace. Poetry for children, enhances the theme of daily life and the material aspect of words seeking effects of sounds and puns, speaks with apparent delicacy of everyday banalities. Some of his works merited analysis. Many apprentices were Elijah Joseph; some of them were collected testimonies, after approval by NIP (Internal Research Center, Faculty Calafiori). We conclude that the work of José Elias effectively contributes to the formation of a new player, and must be known and used in school activities.

Keywords: Reader, reading, infant juvenile and literature.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Homenagem: Reconhecimento Estadual	68
Figura 2 – Bolo Temático: Fazenda do Pitu.....	69

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABRALIC - Associação Internacional de Literatura Comparada

CBL - Câmara Brasileira do Livro

CEALE – Centro de alfabetização, leitura e escrita

FAFIG - Faculdade de Filosofia de Guaxupé

FNLIJ - Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil

Fundunesp – Fundação da Universidade do Estado de São Paulo

ICEJ- Instituto Cultural Elias José

LDB/LDBEN - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

PCN- Parâmetros Curriculares Nacionais

SRE– Superintendência Regional de Ensino

UEM-Pr – Universidade Estadual de Maringá – Paraná

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

UNESP - Universidade do Estado de São Paulo

1 INTRODUÇÃO

Não se sabe quando, mas houve um momento em que o homem percebeu a necessidade de expressar para os outros alguma experiência sua, a qual podia ser interessante e ter significado para todos. Assim, foi por meio desse sentimento que nasceu a vontade de contar histórias.

Casasanta (1998, p. 51) confirma os dizeres acima: “contar histórias é a mais antiga das artes. Nos velhos tempos, o povo assentava ao redor do fogo para esquentar, alegrar, conversar, contar casos. Pessoas que viviam longe de suas pátrias contavam e repetiam histórias para guardar suas tradições e sua língua”.

Mas, infelizmente, os contadores foram ficando esquecidos. Entretanto, as histórias se incorporaram definitivamente à nossa cultura e ganharam as casas por meio da doce voz materna, das velhas babás, dos livros coloridos para encantamento da criançada. Não há cultura que não admire suas histórias, tradições e lendas, pois são a expressão de seu povo e devem ser preservadas.

Pode-se dizer que a criança, por meio da literatura, desenvolve as capacidades psicossociais necessárias à sua vida adulta. A maneira como a literatura é trabalhada é de fundamental importância, pois através dela iniciar-se-á o sentimento de prazer e a conscientização do ato da leitura (HUPPES, 2006).

Para que esse processo aconteça de forma coerente e a criança aprenda conforme o seu amadurecimento, é essencial que se lhe proporcione variado material de leitura e escrita, abrindo tempo e espaço para escolher ou ler os livros do seu interesse.

Levar a criança a se interessar por livros, guiá-la na escolha de obras que satisfaçam suas necessidades e interesses especiais, ajudá-la a perceber valores, estabelecer comparações e concluir por si mesma é a grande tarefa do professor.

O professor deve pesquisar autores interessantes, que possuam diversidade de conteúdos, em cujas obras haja sentimentos e emoções que não acabem quando a história chega ao fim, ou seja, uma história fantástica, enternecedora. A história deve despertar na mente da criança uma imaginação criadora, abrir caminhos para as suas próprias produções. Elias José é um dos autores infantojuvenis que apresentam obras caracterizadas por essa capacidade.

Elias José possui contos e poemas traduzidos e publicados em revistas literárias e antologias de autores brasileiros no México, Argentina, Estados Unidos, Itália, Polônia, Nicarágua e Canadá, tamanha sua grandeza, um dos principais escritores de literatura Infantojuvenil do Brasil.

O próprio Elias José (2007, p.60) assim se expressa: “[...] a narração é uma arte que diverte, educa, ensina, desperta a criança para o espírito ético, para a verdadeira cidadania e, sobretudo, à leitura literária”.

Decidimos aprofundar o nosso conhecimento acerca do tema Literatura Infantojuvenil, pesquisando a obra de Elias José - “A influência de Elias José e sua literatura Infantojuvenil para a construção de um novo leitor” -, destacando que as crianças devam perceber na leitura algo prazeroso e desafiador, uma conquista capaz de dar plena autonomia e independência.

A escolha do nome de Elias José é muito significativa, pois, atualmente, em São Sebastião do Paraíso, pouco se fala neste autor tão importante, mineiro, nascido em Santa Cruz do Prata, distrito de Guaranésia. A ele, rendemos nossa homenagem com a pretensão de divulgar a sua obra literária. Justifica-se, também, o tema proposto por ser de grande valia para pais e educadores no sentido de a literatura viabilizar o desenvolvimento da criança, sua aprendizagem, a construção de sua cidadania, se tornando um leitor com sede de leitura e o que mais se tem visto nas escolas são crianças lendo por obrigação e não por prazer, por vontade, por se sentirem motivadas a descobrirem em cada livro uma aventura diferente.

Cunha (*apud* Huppés, 2006) afirma que “...a criança não se interessa pelo livro porque é apenas o reflexo do próprio desinteresse do adulto, por tal objeto...” e diz também que “...a ideia de que a leitura vai fazer bem à criança ou aos jovens, leva-nos a obrigá-los a ler, como lhes impondo uma colher de remédio e a escovação dos dentes etc...”

A literatura Infantojuvenil é um tesouro precioso capaz de levar o leitor a transpor céus e mares e alcançar um país de delícias, como também levá-lo a experimentar o medo, a solidão e a tristeza, em que a fantasia e imaginação se encontram, mas quando bem trabalhada. É nesse mundo de sonhos que o ato criador desabrocha, podendo o leitor ser provocado e criar ou recriar outras histórias e sentir a necessidade de fazê-lo, a necessidade de ser “um novo leitor” por vontade e não por obrigação.

O objetivo geral desta pesquisa foi contextualizar a Literatura Infantojuvenil de Elias José no ambiente escolar e conhecer sua influência na construção de um novo leitor. E, como objetivos específicos, investigar a vida e obra de Elias José; identificar o estilo e características da sua obra; comprovar a importância de seu trabalho no cenário da literatura brasileira e identificar a Literatura Infantojuvenil de Elias José como instrumento da prática docente.

Como problematização do tema, a indagação é: A literatura Infantojuvenil de Elias José realmente contribui para a formação de um novo leitor?

A literatura Infantojuvenil vem ganhando espaço cada vez maior no mercado editorial, com isso, surgem novas perspectivas educacionais, cabendo ao professor uma reconstrução de sua prática pedagógica, com o intuito de fazer com que os alunos tenham acesso aos livros e se tornem mais críticos de frente a tudo que os rodeiam.

Para a realização desta pesquisa foi utilizado o método de natureza bibliográfica e também foram colhidos depoimentos de pessoas que conviveram com o escritor e dele se tornaram aprendizes, isto após aprovação pelo Núcleo Interno de Pesquisa da Faculdade Calafiori (NIP- protocolo número 29, Anexo 01 – depoimentos – Anexo 02)

. Para Marconi e Lakatos (2009, p.185), a pesquisa bibliográfica “não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem chegando a conclusões inovadoras”. Serão consultados livros, revistas, artigos e sites que tratam da literatura e da vida de Elias José..

De início, o enfoque foi dado à leitura e à formação do indivíduo, atentando à sua evolução através dos tempos.

O segundo capítulo foi dedicado à vida e obra do escritor, poeta, romancista e educador mineiro Elias José, incluindo seu estilo literário, análise de algumas obras, a metodologia de ensino em suas histórias e depoimentos de eternos aprendizes.

O Instituto Cultural Elias José recebeu especial atenção, visto que foi criado em 2008, depois do falecimento de Elias José, por iniciativa de Silvia Monteiro Elias, viúva do escritor Elias José, e é uma entidade de cunho literário, cultural e artístico, com sede em Guaxupé, Minas Gerais, e tem como objetivo a divulgação da literatura infantil, com o intuito de manter viva a rica obra do escritor.

2 A LEITURA E A FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO

Pode-se considerar o ensino e a aprendizagem de Língua Portuguesa na escola como resultantes da articulação de três variáveis - o aluno, a língua e o ensino -, afirmam os PCN (1997). O primeiro elemento dessa tríade, o aluno, é o sujeito da ação de aprender, aquele que age sobre o objeto de conhecimento. A Língua Portuguesa é o objeto de conhecimento, tal como se fala e se escreve fora da escola, a língua que se fala em instâncias públicas e a que existe nos textos escritos que circulam socialmente. E o ensino, concebido como a prática educacional, se organiza como mediação entre sujeito e objeto do conhecimento. Para que essa mediação aconteça, o professor deverá planejar, implementar e dirigir as atividades didáticas, com o objetivo de desencadear, apoiar e orientar o esforço de ação e reflexão do aluno.

Tem-se observado que a afirmação de que o conhecimento é uma construção do aprendiz vem sendo interpretada de maneira espontaneísta, como se fosse possível que os alunos aprendessem os conteúdos escolares simplesmente por serem expostos a eles. Esse tipo de desinformação — que parece acompanhar a emergência de práticas pedagógicas inovadoras — tem assumido formas que acabam por esvaziar a função do professor (BRASIL, 1997, p.25).

A escola é o centro de todo e qualquer tipo de aprendizagem e a educação formal não deve ser desprezada; por meio da educação sistematizada se aprende desde cedo a conhecer o mundo ao nosso redor e por isso ela tem papel fundamental no que diz respeito ao aprendizado de seus alunos.

É preciso que a instituição de ensino disponha de uma biblioteca com bom acervo de livros para que as crianças explorem o local e conheçam a importância da prática de leitura, fazendo desse momento um tempo agradável de atividade fora de sala de aula.

Muito mais do que um espaço educativo e um centro de recursos documentais, a biblioteca escolar deve ser, acima de tudo, geradora de novos talentos. Isso será possível se o bibliotecário deixar sua condição de técnico e

gestor da informação para assumir a posição mais ampla de educador, compromissando-se com o corpo discente e fomentando a leitura de textos literários infantis com o propósito de estimular o senso crítico e a veia artística da criança, que é aluna e leitora.

2.1 A LEITURA E SUA TRAJETÓRIA

O homem sempre teve necessidade de se expressar e, na antiguidade, o fazia por meio da pictografia – pinturas nas paredes das cavernas. Paulatinamente, o homem foi substituindo a representação visual pela sonora e desenvolvendo a oralidade, verdadeira natureza da linguagem. E, devido à sua racionalidade, desenvolveu a comunicação e a relação com seus pares.

O livro surgiu há, aproximadamente, cinco mil anos, a partir da invenção da escrita. Esses livros eram feitos de diversos materiais, como barro, madeira, metal, ossos e bambu, em lâminas ou placas separadas, que não podiam ser dobradas. Posteriormente, foram utilizados materiais mais flexíveis, como tecido, papiro, couro e papel, que permitiram as dobras e os rolos.

Os sumérios, na Mesopotâmia, guardavam suas informações em lajotas de barro; os indianos, em folhas de palmeiras. Antes do descobrimento das Américas, os maias e os astecas criavam seus livros com um material macio retirado das árvores, extraído entre sua casca e a madeira. Os romanos escreviam em tábuas de madeiras cobertas com cera.

Atribui-se a criação do papel aos chineses, no início do século II, com o uso do córtex de plantas, tecidos velhos e fragmentos de rede de pesca. A técnica consistia no cozimento de fibras do líber, do interior de certas árvores e arbustos, trabalhadas com martelos de madeira até se obter fina camada. Tais fibras eram misturadas com água em uma caixa de madeira até se transformar numa pasta.

Os egípcios desenvolveram a tecnologia da escrita sobre folhas de papiro, uma planta encontrada às margens do rio Nilo, cujas fibras unidas em tiras serviam como superfície resistente para a escrita hieroglífica, formando com elas rolos de até

vinte metros de comprimento. O povo egípcio criou a Biblioteca de Alexandria, maior biblioteca da Antiguidade, com acervo de setecentos mil livros.

A importância do papel cresceu com a expansão do comércio europeu e tornou-se produto essencial para a administração pública e para a divulgação literária.

O livro, impresso em papel, surgiu no século XV, com a invenção da prensa de tipos móveis, feita por Johann Gutenberg. O primeiro livro impresso no sistema de Gutenberg foi a Bíblia.

Os mestres ensinavam seus aprendizes por meio da oratória; os possíveis leitores eram apenas ouvintes. A leitura e a escrita eram restritas aos nobres, intitulados “seres privilegiados”. Na Grécia, era regalia dos filósofos e aristocratas; em Roma, uma forma de garantir os direitos dos patrícios às propriedades. Na Idade Média, a minoria da população era alfabetizada nos mosteiros e abadias, onde existiam as únicas escolas e bibliotecas da época.

Durante a Alta Idade Média, a igreja manteve total domínio e censura sobre toda forma de comunicação. A leitura passou a ter caráter religioso e o ensino ficou restrito ao clérigo.

A figura do leitor dos textos impressos é recente e surgiu na Europa, aproximadamente no século XVIII, quando a impressão dos livros passou do modo artesanal para o modo empresarial, possibilitando assim um maior acesso a um número de livros maior do que no período anterior, com a invenção da imprensa.

2.2 LEITURA: UMA AVENTURA EM DESCOBERTA

Entre os gregos e romanos, a competência da escrita e leitura significava apoderar-se de bases de uma educação adequada para a vida, visando ao desenvolvimento das capacidades intelectuais, espirituais e aptidões físicas, possibilitando ao cidadão integrar-se efetivamente à sociedade, nesse caso, à classe dos senhores, dos homens livres.

A leitura, como objeto de estudo, nunca foi tão discutida como nos últimos tempos.

Souza afirma que:

Leitura é, basicamente, o ato de perceber e atribuir significados através de uma conjunção de fatores pessoais com o momento e o lugar, com as circunstâncias. Ler é interpretar uma percepção sob as influências de um determinado contexto. Esse processo leva o indivíduo a uma compreensão particular da realidade. (SOUZA, 1992, p. 22).

O conceito de leitura sempre foi relacionado à decifração dos códigos linguísticos. No entanto, é preciso considerar o processo de formação social do sujeito leitor, suas capacidades, sua cultura política e social. A leitura é um processo complexo e não um ato isolado de interpretação dos signos do alfabeto. Produz sentido a partir da vivência de cada um; é posta como prática na compreensão do mundo no qual o sujeito se insere. Tal aprendizagem está ligada ao processo de formação geral de um indivíduo e sua participação na sociedade - sua atuação política, econômica e cultural, seu convívio social, seja familiar ou no ambiente de trabalho. O ato de ler é representado por meio da escrita, do som, da arte, dos cheiros, o que faz da leitura uma experiência única e própria para cada leitor.

Os PCN mostram a evolução ocorrida na concepção de leitura, no método de se ensinar a ler, não se admitindo mais o trabalho docente restrito à decodificação das palavras.

O conhecimento atualmente disponível a respeito do processo da leitura indica que não se deve ensinar a ler por meio de práticas centradas na decodificação. Ao contrário, é preciso oferecer aos alunos inúmeras oportunidades de aprenderem a ler usando os procedimentos que os bons leitores utilizam. É preciso que antecipem, que façam inferências a partir do contexto ou do conhecimento prévio que possuem, que verifiquem suas suposições - tanto em relação à escrita, propriamente, quanto ao significado. É disso que se está falando quando se diz que é preciso “aprender a ler, lendo” (BRASIL, 1997, p. 56).

Entende-se que se cada leitura é uma nova escrita de um texto, o ato de criação estaria na leitura e não na escrita; o verdadeiro produtor não seria o autor e, sim, o leitor. Ler não é descobrir o que o autor quis nos dizer; ao ler, o leitor trabalha produzindo significações e nesse trabalho ele se constrói leitor. Suas leituras

prévias, suas histórias como leitor, estão presentes como condição de seu trabalho de leitura e esse trabalho o constitui leitor.

Martins (1994) afirma que a leitura não é um simples aprendizado, é conquista de autonomia que permite ao homem a ampliação de horizontes. A leitura é capaz de propiciar ao leitor total domínio da palavra, encadeamento e fluência de ideias, diversidade de conhecimentos e entendimento do que está no seu entorno e de todo o mundo que o cerca. Tem o poder de transformação e abertura de mentes para o desconhecido e de incitação para construção de novas expectativas, projetos e um mundo melhor.

Existem duas diferentes formas e níveis de leitura: a primeira, uma decodificação mecânica dos signos linguísticos, comumente enfatizada por atividades escolares; a segunda, um processo de compreensão que abrange os componentes sociológicos do leitor.

Por meio da leitura é possível o resgate de memórias culturais. E a cultura é responsável pela formação de cidadãos. Seria, então, a leitura também responsável pela conquista da cidadania. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional não exime a educação de mais essa atribuição; no seu art. 22, dispõe que “a educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores”. Há necessidade intransferível de a escola trabalhar a cidadania de seus alunos, com previsão no seu Projeto Político-Pedagógico e se utilizando, também, da leitura como um dos instrumentos.

Atualmente, os educadores sabem da importância da leitura para a formação do aluno cidadão e, ainda, da responsabilidade da escola em respeitar o conhecimento prévio do pequeno leitor, promovendo ações que possam ampliar os resultados em relação à leitura.

Durante toda a nossa vida, as pessoas, graças à interação com os demais e particularmente com aqueles que podem desempenhar conosco um papel de educadores vai construindo representações da realidade, dos elementos constitutivos da nossa cultura, entendida em sentido amplo: valores, sistemas conceituais, ideologia, sistemas de comunicação, procedimentos etc. Estes esquemas de conhecimento (Coll,1983), que podem ser mais ou menos elaborados, manter maior ou menor número de relações entre si, apresentar um grau variável de organização interna, representam em um determinado momento da nossa história o nosso conhecimento, sempre relativo e sempre ampliável (SOLÉ, 1998, p. 40).

De acordo com Bortone (2008), ler é uma atividade que requer controle consciente do processo da mente e, quanto maior for o nível de proficiência na leitura, maior será a probabilidade de desenvolvimento do pensamento reflexivo. E não há postura ética e cidadã sem ação reflexiva.

A leitura representa grande poder nas mãos daqueles que se apropriam dela adequadamente, e o interesse e prazer pela leitura ensejam a construção de novas possibilidades na produção do conhecimento e participação social mais efetiva, favorecendo a formação de um caráter de cidadão crítico e consciente de seus objetivos. Ler é colher conhecimento, desenvolver rapidez de raciocínio e tomada de decisões.

A leitura não se constitui ato solitário, o leitor é sempre parte de um grupo social e carregará para seu grupo elementos de sua leitura. O indivíduo modifica sua visão de mundo através da leitura; lendo, trava contato direto com o texto, transportando para o objeto de leitura suas experiências pessoais, ideologias, conceitos – torna-se, então, coautor do texto. O leitor estabelece uma relação dinâmica entre a fantasia existente no universo dos livros e a realidade do seu meio social. A criatividade, a imaginação e o raciocínio se sobrepõem diante deste magnífico cenário, criando um palco de possibilidades.

As formas de apresentação de um texto interferem no seu sentido. A internet, com sua capacidade inigualável de divulgar textos e imagens, tem sem dúvida o potencial de promover a disseminação dos textos virtuais. O leitor raramente percebe o sentido do todo, não tem o prazer visual e tátil que se extrai do contato com o simples manuseio que um livro lhe proporciona. Essa diferença é fundamental, pois torna a leitura de um livro mais profunda e duradoura, faz como que ele preveja a sobrevivência do formato impresso, pois seria muito simples imaginar que uma nova tecnologia substituiria completamente e de imediato formas mais antigas, apesar do desenvolvimento dos meios tecnológicos.

Com o intuito de orientar os professores regentes dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, a Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais o segundo volume dos Cadernos de Orientações para a Organização do Ciclo Inicial de Alfabetização (2003), de autoria do CEALE – Centro de alfabetização, leitura e escrita, da UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

A leitura é uma prática social que envolve atitudes, gestos e habilidades que são mobilizados pelo leitor, tanto no ato de leitura propriamente dito, como no que antecede a leitura e no que decorre dela. Assim, o sujeito demonstra conhecimentos de leitura quando sabe a função de um jornal, quando se informa sobre o que tem sido publicado, quando localiza pontos de acesso público e privado aos textos impressos (bibliotecas), quando identifica pontos de compra de livros (livraria, bancas, etc). Dizendo de outra forma, depois que um leitor realiza a leitura, os textos que leu vão determinar suas escolhas de leitura futuras, servirão de contraponto para outras leituras, etc. Atitudes como gostar de ler e interessar-se pela leitura e pelos livros são construídas, para algumas pessoas, no espaço familiar e em outras esferas de convivência em que a escrita circula. Mas, para outros, é sobretudo na escola que este gosto pode ser incentivado. Para isso é importante que a criança perceba a leitura como um ato prazeroso e necessário e que tenha os adultos como modelo (MINAS GERAIS, 2003, v.2, p.42).

A partir desse entendimento, a escola passa a trabalhar para que seus alunos leitores sejam capazes de buscar pistas textuais, intertextuais e contextuais para ler nas entrelinhas (fazer inferências), ampliando a compreensão; construir compreensão global do texto lido, unificando e inter-relacionando informações explícitas e implícitas, produzindo inferências; avaliar afetivamente o texto, fazer extrapolações e ler oralmente com fluência e expressividade. Essas capacidades devem ser trabalhadas sistematicamente e consolidadas durante todo o tempo, considerando-se o gosto e o desenvolvimento cognitivo das crianças com relação ao material de leitura (histórias, contos, poemas, notícias acessíveis e interessantes, instruções de jogos, etc).

Esses conceitos ajudam a escola a estabelecer objetivos gerais, levando a leitura a ter sentido no espaço escolar, propiciando a formação de um gosto estético e conhecimentos que permitam aos alunos se sentirem à vontade no universo (espaço e tempo) em que os textos circulam. A leitura é um processo complexo e instigante e sua plenitude requer a compreensão linear, a produção de inferências e a compreensão global.

Ler com compreensão inclui, entre outros, três componentes básicos: a compreensão linear, a produção de inferências, a compreensão global. A compreensão linear do texto diz respeito à capacidade de reconhecer informações “visíveis” no corpo do texto e construir, com elas, o “fio da meada” que unifica e inter-relaciona os conteúdos lidos. No caso de textos narrativos, essa capacidade se manifesta na possibilidade de, ao acabar de ler, saber dizer quem fez o que, quando, como, onde e por quê. No caso de textos argumentativos, trata-se de, ao levantar a cabeça, depois da leitura, saber dizer de que fala o texto, que posição defende, que argumentos apresenta para convencer o leitor, a que conclusão chega. Outra capacidade fundamental para ler com compreensão é a de produzir inferências (MINAS GERAIS, 2003, v.2, p.45).

2.3 LITERATURA INFANTOJUVENIL - INSTRUMENTO EDUCACIONAL

A literatura infantil deveria estar presente na vida da criança como está o leite em sua mamadeira. Ambos contribuem para o seu desenvolvimento. Um para o desenvolvimento biológico e o outro para o desenvolvimento psicológico, nas suas dimensões afetivas e intelectuais. A literatura infantil tem uma magia e um encantamento capazes de despertar no leitor todo um potencial criativo. É uma força capaz de transformar a realidade quando trabalhada adequadamente com o educando (OLIVEIRA, 1996, p. 27).

Toda história carrega, ainda que nas entrelinhas, a discussão de assuntos e temas complexos da humanidade. Como boa ilustração, conta Barone (2007) que encontrou no texto “A leitura em espaço de Crise”, de Michèle Petit (2006), algumas indagações muito próximas das observadas por ela. No texto, Petit se pergunta o que a leitura poderia fazer em tempos de desamparo e se ela seria capaz de sustentar as forças da vida.

Cita impressionantes experiências. Uma delas vivida por Mira Rothenberg, uma jovem que se encontrava na situação de lecionar para 32 crianças judias, com idade entre 11 e 13 anos. Muitas dessas crianças, nascidas em campos de concentração, haviam vivido toda sorte de desventura, perdendo a casa, a pátria e os pais - crianças com olhar de pedra, que construíram fortalezas para se proteger dos horrores que atravessaram; em carne viva e aterrorizadas; violentas, sem confiança em ninguém, e com desejo de reencontrar sua terra de origem. Logo após a guerra, estas crianças foram recolhidas e enviadas para os Estados Unidos, onde

deveriam ser educadas e viver. Elas deviam ser civilizadas, aceitáveis aos olhos da América. Elas não aprendiam nada. Então, um dia, aproveitando de uma calmaria em seus repentes de raiva, ela contou-lhes sobre os índios americanos e como os homens a quem este país pertencia haviam se tornado refugiados em suas próprias terras, das quais tinham sido expropriados. Usou um livro de poesias indígenas que falava da terra que eles amavam, dos animais com os quais conviviam, de sua força, de seu amor, de sua raiva, de seu orgulhos e de sua liberdade. As crianças reagiram, demonstrando que algo havia mudado nelas e, aos poucos, começaram a desfazer suas carapaças.

A história contada e as poesias lidas tiveram o poder de tocar partes da alma, feridas pelos traumas vividos, oferecendo palavras ali onde não havia. Estas crianças depois dessa experiência puderam falar dos índios, aprender a tecer e a fazer cerâmica, a ler e a escrever outros poemas. Também puderam estudar a história e a cultura dos índios, comparando-as às de sua terra natal.

É comum as escolas destinarem espaços para a leitura, os quais são chamados de sala de leitura ou biblioteca escolar. No entanto, as escolas vêm mostrando que na prática muitas bibliotecas escolares estão sendo utilizadas inadequadamente, sob a visão de um conceito ultrapassado. Assim, é comum vê-las como simples depósitos de livros, isso tanto na rede pública como na rede privada. Porém, nem todas as escolas são iguais, algumas sabem valorizar esse tesouro, fazendo uso dos livros que lá contém.

Conforme Freire (2008, p. 22), “A compreensão crítica da alfabetização, que envolve a compreensão igualmente crítica da leitura, demanda a compreensão crítica da biblioteca”. Dessa forma, é preciso que a escola proporcione aos alunos o contato com a leitura, que os ensine a ler. Para tal prática, a biblioteca escolar é um espaço perfeito para que todos que nela atuam possam usufruir de seus livros como fonte de experiência, formando assim, cidadãos leitores.

Mesmo que o espaço seja pequeno, é preciso que o aluno tenha esse contato com o livro na biblioteca: frequentá-la para fazer pesquisa, estudar e também locar livros para ler no seu dia a dia. Porque a escola é o lugar de aprendizagem permanente, é preciso aproveitar das coisas boas que lá existem. O ambiente da biblioteca deve ser confortável, arejado, limpo, organizado, pois esse espaço físico também incentiva o aluno a ler, mesmo não sendo um espaço grande. Com isso a

biblioteca serviria como suporte de auxílio para a leitura em sala de aula. Pois, a partir do momento em que o aluno passar a frequentar a biblioteca, seu interesse pela leitura também passará a ser maior e, sem dúvida, esses alunos lerão com mais liberdade, tanto individualmente, no dia a dia, como em sala de aula. Este deve ser um compromisso de todos os professores da escola, assim, a biblioteca se transformaria num grande espaço ativo para melhorar os índices de leitura.

Freire (2008) afirma, com convicção, que é praticando a leitura que se aprende a ser um bom leitor, da mesma forma que praticando se aprende a nadar, se aprende a trabalhar; praticando se aprende a ler e a escrever. Praticando aprende a praticar melhor.

É preciso que essa prática de leitura comece na escola, pois muitos alunos não têm esse hábito de ler em casa, por isso a escola tem o papel fundamental de incentivar a leitura na educação. Desse modo, a escola é a porta do conhecimento que fornece as condições básicas para o aprendizado permanente. A biblioteca é um ambiente propício para a leitura, condição indispensável ao desenvolvimento social e à realização individual do homem. E sabe-se que a escola representa a única oportunidade de ler que muitos alunos têm, talvez, única oportunidade de contato com os livros que são identificados como livros didáticos. Portanto, é necessário propiciar na biblioteca a leitura viva, diversificada e criativa, representando a forma de pensar, de agir e sentir de cada aluno.

Mesmo naquela escola que não tem uma biblioteca adequada para a leitura, é possível que o aluno leia em sala de aula, com o auxílio e motivação do professor, visto que, toda escola tem pelo menos um lugar onde os livros são depositados, isto é, um lugar que por muitos são chamados de biblioteca e que é esquecido pelo corpo docente. Cabe ao professor selecionar tais livros e levar para suas aulas, ou levar textos que condizem com a realidade e faixa etária da turma, incentivando-a à leitura.

O trabalho com o texto literário deve estar incorporado às práticas cotidianas da sala de aula, pois trata-se de uma forma específica de conhecimento.

A literatura não é cópia do real, nem puro exercício de linguagem, tampouco mera fantasia que se asilou dos sentidos do mundo e da história dos homens. Se tomada como uma maneira particular de compor o conhecimento, é necessário reconhecer que sua relação com o real é indireta. Ou seja, o plano da realidade pode ser apropriado e transgredido pelo plano do imaginário como uma instância concretamente formulada pela mediação dos signos verbais (ou mesmo não verbais conforme algumas manifestações da poesia contemporânea) (BRASIL, 1997, p.25).

3 VIDA E OBRA DO ÍCONE DA LITERATURA INFANTOJUVENIL

Elias José nasceu em Santa Cruz da Prata, distrito do município de Guaranésia, Minas Gerais, em 25 de agosto de 1936. Faleceu aos 72 anos, vítima de complicações de uma pneumonia, enquanto passava férias com a família, em Guarujá, no litoral paulista, no dia 02 de agosto de 2008 ([Projeto Elias José](#) – Google)

Em Santa Cruz do Prata, morou na fazenda da família e frequentou o curso primário na escola rural do distrito.

Na adolescência, estreitou seus laços com a literatura, ao organizar e escrever, com um grupo de colegas, o jornal da escola.

Elias José formou-se em Letras, Pedagogia e Supervisão Escolar e fez cursos de especialização e pós-graduação em São Paulo e no Rio de Janeiro. Foi professor de Literatura Brasileira e Teoria Literária. Sempre gostou de escrever — fez jornal de escola, poemas de amor, crônicas para jornais, contos, e não parou mais.

Além de escritor e professor na Faculdade de Filosofia de Guaxupé (FAFIG), atuou como vice-diretor, diretor e coordenador do Departamento de Letras, como professor de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira na Escola Estadual Dr. Benedito Leite Ribeiro, instituição educacional que também dirigiu.

Durante sua vida, também ministrou cursos, oficinas e palestras, participando de muitos congressos de educação, linguística e literatura. Participou, como jurado, de diversos concursos literários.

Foi várias vezes selecionado pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) para representar o Brasil em feiras de livros internacionais. Viveu em Guaxupé, Minas Gerais, com sua esposa e leal companheira, a competente jornalista Sílvia Monteiro Elias, carinhosamente tratada por Silvinha, e seus filhos Iara, Lívia e Érico.

Estreou na literatura com a obra *Mal Amada*, livro de contos publicados em suplementos literários do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Portugal, editado pela Imprensa Oficial em 1970, apoiado pelo jornalista e escritor Murilo Rubião. Contudo, não era um autor de todo desconhecido. Em 1962, ganhara o primeiro lugar num concurso de contos promovido pela revista *Vida Doméstica*.

Em 1968, recebera um honroso segundo lugar no Concurso José Lins do Rego da Livraria José Olympio Editora.

Seu terceiro livro, *Inquieta Viagem no Fundo do Poço*, deu-lhe o prêmio Jabuti, em 1974, da Câmara Brasileira do Livro (CBL) como Melhor Livro de Contos e o prêmio Governador do Distrito Federal como Melhor Livro de Ficção de 1974.

Depois disso, recebeu inúmeros outros prêmios, entre eles o da FNLIJ, com seu *Segredinhos de Amor*. Deixou mais de 100 livros publicados para crianças, jovens e adultos. Vários de seus livros foram traduzidos e publicados em diversos países, como México, Argentina, Polônia, Estados Unidos e Nicarágua, e muitos de seus poemas já foram musicados.

Como professor universitário, diretor da Escola Estadual Dr. Benedito Leite Ribeiro e palestrante sempre disponível, Elias José deixou um legado indiscutível aos educadores, atuando em seminários e cursos de formação continuada com pleno domínio de temas relacionados à ação docente e suas atribuições acerca da leitura. Os educadores de São Sebastião do Paraíso e da circunscrição da Superintendência Regional de Ensino, com sede nesta cidade, como municípios mais longínquos e no exterior tiveram o privilégio de aprender com esse mestre que se caracterizava pela arte da literatura, conhecimento da língua portuguesa, domínio da didática e, principalmente, pelo amor ao processo educativo.

3.1 O REALISMO MÁGICO DE ELIAS JOSÉ

O estilo de escrita de Elias José é marcado pelo realismo mágico, justapondo fantasias oníricas ao absurdo do cotidiano. O surgimento dessa corrente literária denominada Realismo Mágico deu-se no começo do século XX. Ficou também conhecida pelos nomes de Realismo Fantástico ou Realismo Maravilhoso na Espanha, e é considerada uma característica própria da literatura latino-americana.

No Brasil, um dos que mais entenderam o assunto certamente terá sido o crítico José Hildegrando Dacanal. No entanto, qualquer que seja o posicionamento que se venha a adotar, jamais se alcança esclarecer a gama de variações que tais

textos apresentam e, pelo contrário, termina-se por perder aquele momento que os unificaria.

Segundo Dacanal (1970), a principal particularidade desta corrente literária é fundir o universo mágico à realidade, mostrando elementos irrealis ou estranhos como algo habitual e corriqueiro. O realismo mágico apresenta os elementos mágicos de forma intuitiva, ou seja, sem explicação.

Dessa corrente, um bom exemplo é o romance *Cem Anos de Solidão*, do colombiano Gabriel García Márquez. No livro, alguns personagens ficam surpresos ao se depararem com elementos fantásticos, mas agem como se aquilo pudesse acontecer naturalmente, como se fosse comum. Algumas descrições mágicas feitas por García Márquez são: a peste de insônia e de esquecimento que atinge as pessoas; a morte e retorno à vida de um cigano, uma mulher que sobe aos céus, entre outros.

No contexto histórico, o realismo mágico surgiu em um dos períodos mais conturbados da América Latina. Na segunda metade do século XX, entre as décadas de 60 e 70, os países latino-americanos passavam por processos ditatoriais. Desta forma, o realismo surge como uma forma de reação, utilizando o elemento mágico como reforço das palavras contrárias aos regimes dos ditadores. Outro aspecto que influenciou o realismo mágico foi a discrepância entre cultura da tecnologia e cultura da superstição que havia na América Latina naquela época.

O realismo mágico é, portanto, uma característica própria da literatura latino-americana, que funde a realidade narrativa com elementos fantásticos e fabulosos, não tanto para reconciliá-los como para exagerar sua aparente discordância. O desafio que isto supõe para a noção comum de "realidade" traz implícito um questionamento da "verdade" que, por sua vez, pode socavar de maneira deliberada o texto e as palavras, e, em certas ocasiões, a autoridade do próprio romance.

Embora essa tendência de fundir o real e o fantástico já existisse nas obras de romancistas de todos os tempos, o realismo mágico floresceu com esplendor na literatura latino-americana dos anos sessenta e setenta, enraizado nas discrepâncias surgidas entre cultura da tecnologia e cultura da superstição, e em um momento em que o auge das ditaduras políticas converteu a palavra numa ferramenta infinitamente apreciada e manipulável. Além do próprio Alejo Carpentier, que cultivou o realismo mágico em romances como *Los Pasos Perdidos*, os

principais autores do gênero são Miguel Angel Astúrias, Carlos Fuentes, Julio Cortazar, Mario Vargas Llosa e, sobretudo, Gabriel Garcia Márques, cujos romances *Cem Anos de Solidão* (1967), *O Outono do Patriarca* (1975) e *Crônica de Uma Morte Anunciada* (1981) são obras notáveis do gênero.

Seu estilo fez de Murilo Rubião o inaugurador, no Brasil, dessa categoria literária: o realismo mágico. Observa-se que a crítica brasileira classifica seus textos de modo extremamente variado, o que torna possível uma nova leitura de sua obra por intermédio das recentes teorias sobre o realismo mágico. Essa relação implícita que o texto considerado entretém com uma categoria genérica reconhecida e codificada é denominada arquitextualidade por Genette e permite estabelecer um diálogo fecundo com a tradição literária, afirma a Profa. Dra. Ana Luiza Camarini (UNESP/Fundunesp), em 2008, no XI Congresso Internacional da ABRALIC *Tessituras, Interações, Convergências*. Registra ainda a oscilação da crítica brasileira na classificação de seus textos, classificando-os de modo extremamente variado: fantástico, realismo fantástico, realismo mágico, realismo maravilhoso, surreal, supra-real.

O termo “fantástico”, alerta Camarini (2008), refere-se a uma categoria literária reconhecida e codificada, que se caracteriza pela contradição e pela recusa mútua e implícita de duas ordens – o natural e o sobrenatural; na conceituação de teóricos de textos fundadores sobre a ficção fantástica, observam-se palavras como “irrupção” ou “intrusão brutal” do sobrenatural, do mistério, do inexplicável no quadro da realidade dialética. É justamente a contradição e a recusa recíproca entre as ordens do real e do sobrenatural, aliadas à ambiguidade delas decorrente o que diferencia a categoria do fantástico da do realismo mágico, esta última caracterizada pela compatibilidade entre natural e sobrenatural, entre real e irreal, sem criar tensão ou questionamento. Dessa forma, temos duas categorias literárias distintas, mesmo que aparentadas pela utilização do elemento sobrenatural ou insólito ao lado do real no universo da narrativa.

E conclui afirmando restar esclarecer a diferença entre realismo maravilhoso e realismo mágico, termos muitas vezes utilizados como sinônimos, e que atribui possivelmente, aos rumos paralelos que tomou essa categoria em literatura no período de seu desenvolvimento inicial.

O Prof. Dr. Milton Hermes Rodrigues (UEM-Pr) pretende reverter, dentro de certos parâmetros, o entendimento de que a ficção fantástica brasileira passou a existir apenas depois de *O Ex-Mágico da Taberna Minhoca*, coletânea de contos de Murilo Rubião, de 1947. O estudioso aceita a existência anterior dessa prática literária, inserindo-a num processo com três etapas - a primeira vai do Romantismo ao Pré-Modernismo, a segunda vai do Modernismo a 1947, e o terceiro momento, aberto com o citado livro de Rubião, e onde prospera o realismo mágico, considerado o “novo” fantástico.

Em relação a ele, uma perquirição de feitiço arqueológico expõe uma visibilidade “anterior” a 1947 (mas em processo) das práticas ficcional e conceitual brasileiras, validando a compreensão da categoria a partir também da cronologia modernista. O fantástico, em termos de problematização conceitual, suscita, quando aberto semanticamente, a existência de ampla variedade categorial e parece exigir, para se fazer compreender como realismo mágico, o concurso também do primitivismo e do esteticismo vanguardistas, forças que deslocaram a noção de irrealismo também para a forma e deitaram novas raízes para a categoria.

Rodrigues entende razoável admitir uma tradição criativa e crítica, uma linha com precursores, ainda que modesta. No âmbito dessa problematização teórica, em parte instaurada antes de 1947, avulta a questão da variedade terminológica (realismo maravilhoso, realismo absurdo, realismo mágico, realismo fantástico), polemicamente imposta principalmente pela crítica ligeira.

O realismo mágico propõe um dos entendimentos básicos da categoria, posteriormente corroborado pelo grosso da crítica, o de que ela intenta operar, em termos gerais, uma fusão não problemática de fenomenologias imediatamente incompatíveis (reais e irrealis). Os contos de grande categoria do livro prescindem totalmente do “fantástico”.

Em *Conto Brasileiro Contemporâneo* (1981), Antonio Hohlfeldt dedica um capítulo ao que chama de “conto alegórico”, cujos principais expoentes no Brasil seriam Murilo Rubião, Péricles Prade, Moacyr Scliar, Roberto Drummond e Victor Giudice. E fundamenta por que prefere o termo “alegórico” ao “fantástico”. E assim inicia o capítulo:

A incidência de uma literatura não racionalista, não realista, ao menos em suas aparências, que vem ocorrendo no Ocidente contemporâneo com maior ênfase a partir de Franz Kafka, e no Brasil tem como referencial imediato a publicação de *O Ex-Mágico*, de Murilo Rubião (1947), tem permitido uma série de polêmicas e contradições sobre as designações a lhe dar. Literatura do absurdo, como se pretendia em referência ao escrito de *O Castelo*, literatura fantástica, como a chamou Louis Vax, suas possíveis analogias com mitologias primitivas, especialmente após o chamado boom da literatura hispano-americana dos anos 60 ampliaram os estudos pioneiros de um Propp e outros formalistas russos e todos os que seguiram em suas águas, até a cunhagem do termo composto de “realismo-mágico”, que acabou ganhando (HOHLFELDT, WWW.bestario.com.br – revista de contos).

São poucos os cultores do conto fantástico no Brasil. Existe uma distinção entre o ‘fantástico’ no conto e o conto propriamente ‘fantástico’. Tal distinção se observa também na novela e no romance, isto é, na literatura fantástica como gênero. E há, ainda, que se distinguir os que se dedicaram ou se dedicam a este gênero, como Murilo Rubião, daqueles que apenas vez por outra escreveram ou escrevem contos ou novelas fantásticas.

3.2 O EDUCADOR, POETA E ROMANCISTA E A LITERATURA BRASILEIRA

Em 1970, o brilhante mineiro publicou sua primeira coletânea de contos, *A Mal-Amada*, que recebeu menção honrosa no Concurso de Livros de Contos Prêmio José Lins do Rego, patrocinado pela Livraria Editora José Olympio, em 1968. Nos contos de *A Mal-Amada* já se faz notar a impressão de estranhamento em relação à apresentação do cotidiano, a partir da perspectiva do narrador ou de eventos insólitos. Temístocles Linhares dedica-lhe um capítulo inteiro de seus 22 Diálogos. Para ele, os minicontos de *A Mal-Amada* não chegariam a ser contos, se não fosse o “fantástico” deles. E elogia especialmente os contos da segunda parte como sendo os melhores, nos quais o “fantástico” se mostra mais débil, e eles assentam em outros elementos dramáticos intensos como o da incompreensão entre os homens.

Em 1971, publicou *O Tempo*, *Camila*, *Minicontos*. Em 1974, *Inquieta Viagem no Fundo do Poço* e *Contos*, ambos na Imprensa Oficial, sendo que este último

ganhou o Prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro (CBL) como Melhor Livro de Contos de 1974 e o prêmio Governador do Distrito Federal como Melhor Livro de Ficção de 1974, como já foi dito anteriormente.

A partir 1976, por sugestão de sua esposa Sílvia, escreve histórias para sua primeira filha, Lara. Inicia assim sua produção infantojuvenil, cujo primeiro lançamento é *As Curtições de Pitu*. A afinidade com o gênero e o sucesso obtido com a publicação levaram Elias José a dedicar-se quase que exclusivamente ao público infantil, para o qual escreveu mais de cem livros.

Os temas trabalhados pela contística de Elias José envolvem a solidão e alienação dos indivíduos, a cisão dos vínculos afetivos tradicionais, a necessidade de romper a rotina, em oposição à impossibilidade de realmente efetivá-la, bem como a angústia daí decorrente.

Alinha-se, de algum modo, à linhagem dos contistas que reagem à perspectiva realista em sentido estrito, no caminho aberto pelo escritor Murilo Rubião (1916 - 1991), o qual apoia e favorece a edição de seu primeiro livro.

Também desenvolveu os chamados minicontos. Entrelaçando suas próprias histórias e poesias, Elias José alcança a magia de prender educadores e pais pelo fio desta narrativa. Ensina que a narração é uma arte que diverte, educa, ensina, desperta a fantasia nas crianças e estimula a escrita e a leitura literária. E tudo deve acontecer de forma indireta, simbólica e não em tom didático ou discursivo - histórias sem vontade de pretensão expressa de passar lições religiosas ou morais, mas lidas ou contadas pelo simples prazer de envolvê-las nas tramas das narrativas.

Em sua produção de obras infantis e juvenis, começada em 1976, Elias José buscou a linguagem cotidiana e a sintaxe direta, no esforço de se aproximar dos seus leitores. Tematicamente, trabalhou com elementos bastante variados, como a realidade social e suas injustiças (em *Os que Não Podem Voar*), as relações afetivas e humanitárias (*Curtições de Pitu* e *Jogo Duro*), as aventuras que visam decifrar enigmas (*O Fantasma do Porão*) e o reconto de narrativas folclóricas de origem européia, indígena ou africana [os volumes de *(Re)Fabulando*].

Goes (1991) esclarece que a literatura originou-se na conhecida Idade Oral do mito, época em que, por meio da oralidade, eram transmitidas às crianças as tradições dos antepassados, as lendas, fábulas e mitos, geralmente por mães de leite e educadores. Os mitos, no primeiro estágio da arte da narração, teriam

nascido da necessidade do homem entender e explicar o mundo e seus fenômenos, envolvendo a figura de deuses, com caráter pessimista e, geralmente, com final trágico. A literatura se esboçou muito mais tarde, época em que a preocupação com a educação e com a criança se tornou uma realidade. Daí então as leituras para as crianças, os contos maravilhosos, a literatura de ficção começaram a ser adaptados ao gosto infantil para distrair e instruir e a criança passou a ser preocupação constante de psicólogos, pedagogos e mestres. A literatura infantil deve atrair o leitor para o processo de descoberta do mundo. A mitologia continua atraente à criança, tanto quanto os contos de fadas. O trabalho com histórias mitológicas e lendas populares se torna muito prazeroso com a utilização da poesia, uma excelente maneira de estimular nos alunos o gosto pela leitura e o conhecimento mitológico. Da obra de Elias José “Cantos de Encantamentos”, da Editora Formato (1996), a poesia abaixo é uma pequena amostra das muitas possibilidades do trabalho supramencionado.

O Pescador Encantado

“Nas noites de sexta-feira,
Dou descanso à minha rede,
Dou descanso à minha vara,
Dou descanso ao meu anzol.

Nas noites de sexta-feira,
Eu não pesco, não.
Pode até dar lua cheia,
Que eu não pesco, não.
Pode a morena pedir,
Que eu não pesco, não.
Podem me dar um milhão,
Que eu não pesco, não.

Nas outras noites da semana,

O Encantado ajuda, favorece
E se encanta com a pescaria.
Nas noites de sexta-feira,
É dono de todos os rios,
É senhor de todos os peixes.

Nas noites de sexta-feira,
As águas todas e os peixes
São do Pescador Encantado.
Ele não pesca para comer
E não pesca para vender:
Só brinca de pegar peixe,
Só brinca de jogar rede.

Coitado do pescador
Que não sabe que esse dia
É de pesca do Encantado!...
E feliz do pescador
Que respeita esse dia
Do pescador encantado!

Nas noites de sexta-feira,
O rio todo se encanta
Pra receber o Encantado.”

(JOSÉ, Elias,1996).

O escritor Elias José, que conciliou sua criação literária com o ofício de educador, sempre defendeu a ideia de que a biblioteca é o coração da escola. Como diretor da EE Dr. Benedito Leite Ribeiro, popularmente conhecida com “Estadual”, deu atenção especial ao funcionamento da biblioteca. Além do rico acervo bibliográfico – obras literárias e de referência -, colocava à disposição de seus

usuários revistas e jornais atualizados, com disposição visível a quem adentrasse o ambiente. O importante para ele é que a biblioteca fosse local aprazível para o aluno e jamais um depósito de livros para tão somente eventuais pesquisas escolares.

Nas suas andanças, Elias José, um cidadão do mundo, ensinou com leveza - o conhecimento não pode ser fardo pesado - e carinho de poeta que ama seu ofício e incentiva a companhia do livro e o encanto da leitura. Ilustra bem o seu sentimento à leitura a poesia abaixo transcrita.

Tem Tudo a Ver

“A poesia
tem tudo a ver
com tua dor e alegrias,
com as cores, as formas, os cheiros,
os sabores e a música
do mundo.
A poesia
tem tudo a ver
com o sorriso da criança,
o diálogo dos namorados,
as lágrimas diante da morte,
os olhos pedindo pão.

A poesia
tem tudo a ver
com a plumagem, o vôo e o canto,
a veloz acrobacia dos peixes,
as cores todas do arco-íris,
o ritmo dos rios e cachoeiras,
o brilho da lua, do sol e das estrelas”

(José, Elias.Segredinho de amor .2.ed. São

Paulo.1991.p.6.)

Na poesia para crianças, valorizou a temática do cotidiano e o aspecto material das palavras buscando efeitos de sonoridades e trocadilhos. Nesse sentido, retoma procedimentos da cultura oral e popular, em poemas que não se propõem a “ensinar” conteúdos morais, mas aprender a brincar com as palavras extraindo delas novos significados.

A casa e o seu Dono

“Essa casa é de caco
Quem mora nela é o macaco.

Essa casa tão bonita
Quem mora nela é a cabrita.
Essa casa é de cimento
Quem mora nela é o jumento.

Essa casa é de telha
Quem mora nela é a abelha.

Essa casa é de lata
Quem mora nela é a barata.
Essa casa é elegante
Quem mora nela é o elefante.

E descobri de repente
Que não falei em casa de gente.”

Em “Amor Adolescente” (1999), Elias José amplia o livro de poemas “Cantigas de adolescer” e revela, com sua sensibilidade, os universos dos jovens, meninos e meninas. São textos poéticos que falam com delicadeza das aparentes

banalidades cotidianas: a visão da Lua, a gaveta de guardados, o muro pichado, o eco na caverna. Sim, como ele próprio diria, “tudo tem a ver com poesia”.

Em *Cadê o bicho, cadê?* os poemas são rítmicos e as fotocolagens do fotógrafo e filho do autor, Érico Elias. *Cadê o bicho, cadê?* instigam as crianças a reconhecerem os bichos e suas características. As rimas, letras e frases dançam nas páginas e a dupla – pai e filho - apresenta os bichos e desafiam os leitores de encontrá-los nas páginas do livro (PORTAL PODCULTURA).

Há poemas para gato, galinha, pássaros, sempre com um estilo encantador: “Ficou manso, mansinho. Abriu a cara e cantou com voz rara. Escondeu as garras e virou uma doçura de passarinho”. A coruja ganha uma rima que com ela combina: “Coruja, ar de doutora sabichona, de filósofa sem diploma”. Assim Elias José, um dos maiores representantes da literatura infantojuvenil, alimenta a imaginação das crianças.

“As fotocolagens de Érico Elias são um poema à parte, com cores, texturas e formas diversas. Elas misturam elementos urbanos como prédios, janelas, placas e cimento, com outros elementos da natureza - folhas, árvores, penas e flores.”

“Escola: morada de inventor e outros contos de escola” abrange diversas áreas do conhecimento e interesse: história, geografia, língua portuguesa, artes, e ciências naturais. O livro reúne dez contos, com sugestivas metáforas sobre educação que apontam mudanças necessárias e desejos de alunos, pais e professores por escolas lúdicas, estimulantes, criativas, com boa infraestrutura e valorizadoras da literatura.

Os trechos abaixo pertencem ao poema que dá nome ao título da PAULUS, *Escola: morada de inventor e outros contos de escola* (2008).

A professora pedia e a gente levava pra escola,
achando loucura um monte de lixo:
latas vazias de bebidas,
caixas de fósforos,
pedaços de papel de embrulho para presente (...)
Um dia a professora deu a partida
e transformamos, colamos e colorimos.

E surgiram bonecos esquisitos,
fadas, bruxas e bichos de outros planetas
e coisas malucas que nem Deus inventou (...)

Cada conto reflete a beleza de um tempo de experiências simples, porém enriquecedoras, que a vida guardará como um presente, além de mostrar a curiosidade que move a infância, conduzindo cada criança para caminhos particulares. O objetivo da obra é retratar, com graça e bom humor, o bem que a educação de qualidade provoca na vida dos adultos de amanhã.

O livro possui colorido vibrante e ilustrações criativas e tanto o jovem leitor como os adultos envolvidos com a educação são motivados pelo autor a valorizar a escola e todos os elementos que compõem o processo de aprendizagem.

“Escola: morada de inventor e outros contos de escola” significa muito mais do que a reunião de alguns contos, por isso merece destaque. De acordo com Jakson de Alencar, vice-diretor multimídia da PAULUS, a obra foi enviada à editora semanas antes da partida de Elias José. “Ele foi uma pessoa que viveu intensamente e não passou pelo mundo em vão. Com sua simplicidade e profunda humanidade, ajudou a inventar e a reinventar um mundo melhor e nos deixou um legado inspirador”, relembra.

Ailton Paulino dos Santos (1984), autor do livro “O Poder do Discurso”, analisa a trajetória de Elias José em sua obra “Um pássaro em pânico”. Destaca seu realismo mágico mostrando elementos irrealis ou estranhos. Além dessas características, acrescenta os elementos mágicos de forma inexplicável. Elias José mistura fatos da vida real com objetos do mundo da fantasia.

Pode-se afirmar que quando o leitor lê a obra de Elias José ele é transportado do seu mundo real para o reino da fantasia e dos sonhos irrealis. Para a criança, existiria literatura mais apaixonante?

“Bicho de pena provoca amor e pena

O galo quando canta

Até o sol encanta.

Antes do inverno, a andorinha
Busca o bando ou vai sozinha.

O marreco fez tanto eco
Que acordou o Maneco.

Agora, como se vê
Quem vai falar é você!”
(JOSÉ, Elias, 1977)
Gente é mais gente.
Esta aí é a dita cuja?
Mas tem cara de coruja!

A orelha do Seu João
Mas parece um orelhão.

A Ana, uma vez por semana,
Mostra a língua de da banana.

A careca do Seu Zeca
Parece couro de perereca.

Agora, se você ficou contente
Trate de criar mais e mais gente.
(JOSÉ, Elias, 1977)

É hora de jogar conversa fora...

Flores e frutas na mesa
Encher os olhos de beleza.

Me disseram que é besteira
Querer vender cachorro na feira.

Me disseram que dá confusão
Levar minha onça ao salão.

Agora chegou a sua hora
De jogar conversa fora.
(JOSÉ, Elias, 1977)

Pela PAULUS, publicou grandes sucessos. Um pouco de tudo: de bichos, de gente, de flores, além de toda a coleção “Ler brincando”, entre outros.

“Memória, cultura e literatura – O prazer de ler e recriar o mundo”, lançamento da Editora Paulus, é resultado de uma conferência proferida por Elias José em maio de 2008 durante um seminário do programa Prazer em ler do Instituto C&A, cujo tema foi a relevância da memória, das experiências vividas, da formação cultural e suas relações com a mediação da leitura.

Especialista em literatura, o autor mineiro foi consagrado pelo público e pela crítica como um dos principais escritores de literatura Infantojuvenil do Brasil. Neste título, está disponível uma síntese do que ele essencializou ao longo de sua vida sobre leitura, literatura, cultura e criação.

Relembra Jakson Ferreira de Alencar, vice-diretor editorial da PAULUS, na apresentação, que para Elias essa conferência foi uma grande alegria, que ele compartilhara com ele através de muitos e-mails que trocavam e em alguns encontros pessoais. Ele se preparara para aquela conferência com muita generosidade e empenho, e Alencar percebera o quanto o tema lhe envolvia e o fazia vibrar, bem como o público ao qual a palestra seria direcionada: educadores, contadores de histórias e mediadores da leitura em geral.

Na obra, escrita poucos meses antes de sua morte, o autor parte da reflexão a respeito da memória, como ela se constitui e nos constitui. Além disso, relaciona-a com a criação artística e toda forma de criação para chegar ao envolvimento das memórias vividas com o cultivo do prazer de ler, criar e recriar.

Recheado de poemas e textos de grandes escritores: Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Manuel de Barros, Cora Coralina, entre outros, o título é dividido em seis capítulos, sendo o último um recado de Elias José para o mediador de leitura, no qual ele aponta caminhos para quem acredita na capacidade humana de encantar e transformar o mundo.

A motivação para se criar um texto vem sempre de mil maneiras possíveis: ler o mundo, ler um texto, anotar sonhos interessantes, olhar bem um quadro de pintura que nos emocionou, ouvir uma música envolvente, conversar com quem tem histórias para contar, recontar as próprias histórias que vivemos em família ou no convívio social. Tudo motiva o artista. Lógico que essa motivação, chamada pelos românticos de inspiração, é apenas um ponto de partida para a criação (ELIAS JOSÉ, 2008).

Título de estréia da coleção “Apoio Pedagógico, Memória, cultura e literatura – O prazer de ler e recriar o mundo” () possui pequenas ilustrações que dão ainda mais graça à leitura. Trata-se de um excelente material pertencente ao catálogo de Educação da editora, reconhecido por reunir obras de alta qualidade e autores renomados.

O escritor angariou o reconhecimento de adultos, adolescentes e crianças e também da crítica especializada.

José Fernando Santos, registrou no seu blog, em 5 de agosto de 2008:

Elias José foi um dos autores mais talentosos que conheci. Tinha especial jeito para escrever literatura Infantojuvenil e por isso mesmo ganhou vários prêmios, tendo publicado mais de 100 livros. Mas não era só isso. Ele tinha uma qualidade rara nos dias de hoje, sobretudo no ambiente literário: era simpático e solidário com os colegas, mesmo com aqueles que só estavam começando no duro mercado editorial brasileiro - um mercado no qual muitas editoras tratam os autores a ponta-pés, como se lhes fizesse o grande favor de publicar seus livros em vez best-sellers importados (...) Elias José não era só uma pessoa solidária e de talento (SANTOS, 2008).

Cronologia – Vida e Obra de Elias José

1936 - A 25 de agosto, nasce Elias José, em Santa Cruz da Prata, município de Guaranésia (MG), filho de fazendeiro de origem árabe.

1944 - Cursa o primário em escola rural do Distrito de Santa Cruz da Prata.

1949 - A família muda-se para Apucarana, Paraná, onde compra uma fazenda de café.

1950 - A família retorna a Minas Gerais e se estabelece em Guaxupé.

1950 - Elias José frequenta o Curso Ginásial em Guaxupé.

1955 - Faz curso técnico de contabilidade.

1962 - Ganha concurso de contos promovido pela revista *Vida Doméstica*, do Rio de Janeiro, com o conto "Homem do Mar não Chora"; seis meses depois, volta a concorrer no mesmo concurso e ganha o primeiro prêmio com o conto "A Mãe do Pintor".

1963-1967 - Cursa a Faculdade de Letras, na Faculdade de Filosofia de Guaxupé – Fafig.

1968 - Torna-se professor de Teoria Literária e de Literatura Brasileira no Departamento de Letras da Fafig. Coordena o Departamento de Letras; também atua como professor

1968 - Recebe Menção Honrosa do Prêmio José Lins do Rego, da Livraria José Olympio, pela coletânea de contos *A Mal-Amada*.

1970 - Publica seu primeiro livro *A Mal Amada*.

1974 - Lança *Inquieta Viagem ao Fundo do Poço*, que recebe o prêmio Jabuti de melhor livro de contos e o Prêmio Governador do Distrito Federal como melhor livro de ficção do ano.

1975 - Integra a antologia *Nuevos Narradores Del Brasil*, publicada na *Revista Crisis* da Argentina.

1976 - Com *Um Fantasma no Porão* ganha o Concurso Estadual de Literatura Infantil "A Criança Mineira", promovido pela Secretaria Estadual de Educação; o livro será editado apenas em 1979.

1977 - Vence o Concurso Nacional de Ensino de Redação, promovido pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), com *Redação Escolar: Análise, Síntese, Extrapolação*, publicado em 1978 pelo MEC e pela Editora FTD.

1980 - Recebe Menção Honrosa no Concurso Nacional de Ensino de Redação do MEC.

1982 - A Associação Paulista dos Críticos de Arte - APCA - escolhe *Um Pouco de Tudo* como o melhor livro de poesia infantil do ano; a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) concede ao volume a láurea "Altamente Recomendável para Criança".

1985 - *Caixa Mágica de Surpresa* recebe o título de "Altamente Recomendável para Criança", concedida pela FNLIJ.

1986 - *Um Rei e Seu Cavalo de Pau* é escolhido pela APCA como o melhor livro de poesia infantil do ano e também recebe a láurea "Altamente Recomendável para Criança", concedida pela FNLIJ.

1988 - *O Jogo da Fantasia* recebe o Prêmio Odylo Costa Filho para poesia infantil, concedido pela FNLIJ, e *Lua no Brejo* recebe o Prêmio Monteiro Lobato de melhor livro de poesia para crianças, da União Brasileira de Escritores (UBE).

1992 - Mais três livros recebem o selo "Altamente Recomendável para a Criança": *Quem Lê com Pressa, Tropeça; Cantigas de Adolescer; Segredinhos de Amor*. Os dois últimos também recebem o Prêmio Adolfo Aizen de melhor livro juvenil, dado pela UBE.

1993 - Aposenta-se como professor da Fafig e diretor da Escola Estadual Dr. Benedito Leite Ribeiro e passa a dedicar-se exclusivamente à literatura.

1996 - *Cantos de Encantamento* recebe o selo "Altamente Recomendável de Poesia para Criança" e no ano seguinte o Prêmio Adolfo Aizen de melhor livro infanto-juvenil.

2000 - *A Cidade que Perdeu Seu Mar* recebe o selo "Altamente Recomendável para o Jovem", concedido pela FNLIJ (prêmio do Governo de Minas Gerais).

2000 – Recebe homenagem pelo Mérito Literário e Educacional da Superintendência Regional de Ensino de São Sebastião do Paraíso.

2001 - Outorga da Gran Medalha da Educação pelo Governador de Minas Itamar Franco, em Belo Horizonte.

2002 - Recebe o Prêmio Cecília Meireles de melhor poesia para a infância da UBE pelo *O Jogo da Fantasia*.

2008 - Morre, em 2 de agosto, vitimado por pneumonia, quando passava férias com a família, no Guarujá, São Paulo (Enciclopédia Itaú Cultural de Literatura Brasileira)

Obras publicadas - primeiras edições

Conto

A Mal-Amada - 1970

O Tempo, Camila - 1971

Inquieta Viagem ao Fundo do Poço - 1974

Um Pássaro em Pânico - 1977

Passageiros em Trânsito - 1983

O Grito dos Torturados - 1986

Infantil e juvenil

As Curtições de Pitu - 1976

O Fantasma no Porão - 1979

Jogo Duro - 1979

Os que Podem Voar - 1981

Saudoso, O Burrinho Manhoso - 1981

Dança das Descobertas - 1982

Pouco de Tudo, de Bichos, de Gente, de Flores - 1982

A Dança das Descobertas - 1982

Passageiros em Trânsito - 1983

De Repente Toda História Novamente - 1983

Cidade da Pá Virada - 1983

Caixa Mágica de Surpresas - 1984

O Historiador de Catitó - 1984

O Herói Abatido - 1984

Vaidade no Terreiro - 1984

Com as Asas na Cabeça - 1985

Um Rei e seu Cavalo de Pau - 1986

Um Casório Bem Finório - 1987

Fabulosos Macacos Cientistas - 1987
Namorinho de Portão - 1987
Lua no Brejo - 1987
Machado de Assis - 1988
Os Primeiros Vôos do Menino - 1988
Sorvete Sabor Saudade - 1988
Amor, Mágica e Magia - 1988
Só um Cara Viu - 1989
Primeiras Lições de Amor - 1989
Furta-Sonos e Outras Histórias - 1989
O Jogo da Fantasia - 1989
Luta Tamanha, Quem Ganha? - 1990
Os Vários Voos da Vaca Vivi - 1990
Um Curioso Aluado - 1990
Vó Melinha, Rainha e Cigana - 1990
Setecentos Setecentos - 1991
Segredinhos de Amor - 1991
Lua no Brejo - 1991
Sem Pé nem Cabeça - 1992
Bolo pra Festa no Céu - 1992
Cantigas de Adolescer - 1992
A Toada da Tatu - 1992
Sem Pé nem Cabeça - 1992
Quem Lê com Pressa Tropeça - 1992
Uma Escola Assim, Eu Quero para Mim - 1993
De Amora e Amor - 1993
Vaidade no Terreiro - 1994
Mundo Criado, Trabalho Dobrado - 1996
Noites de Lua Cheia - 1996
Toda Sorte de Magia - 1996
No Balancê do Abecê - 1996
O que Conta o Faz-de-Conta - 1996
Lições de Telhado - 1996

Félix e seu Fole Fedem - 1996
O Mundo Todo Revirado - 1996
O Jogo das Palavras Mágicas - 1996
Cantos de Encantamento - 1996
Solos de Violões e Sonhos - 1997
O Incrível Bicho-Homem - 1997
O Baú de Sonhos - 1997
Vera Lúcia, Verdade e Luz - 1997
(Re)Fabulando (sete volumes) - 1998/2005
A Cidade que Perdeu o seu Mar - 1998
O Macaco e a Morte - 1998
A Gula da Avó e da Onça - 1998
As Virações da Formiga - 1998
O Macaco e sua Viola - 1998
De como o Macaco Venceu a Onça - 1998
O Macaco e o seu Rabo - 1998
Viagem Criada, Emoção Dobrada – 1999
Amor Adolescente - 1999
A Vida em Pequenas Doses - 2000
Ri Bem Melhor Quem Junto Ri - 2000
O Amigão de Todo Mundo - 2001
O Desenhista - 2001
O que Tem nesta Venda - 2001
O Que Você Lê Ali - 2001
Visitas à Casa da Avó - 2001
Gente e mais Gente - 2001
Birutices - 2002
Um Jeito Bom de Brincar - 2002
Vidrado em Bicho - 2002
Eu Sou Mais Eu - 2002
As Histórias e os Lugares - 2002
O Contador de Vantagens - 2002
Bicho de Pena Provoca Amor e Pena - 2002

Se Tudo Isso Acontecesse - 2002
Saudando Quem Chega - 2002
É Hora de Jogar Conversa Fora - 2002
De Olho nos Bichos - 2003
Poesia Pede Passagem - 2003
História Sorridente de Unhas e Dentes - 2003
Que Confusão, Seu Adão! - 2003
Aquarelas do Brasil - 2003
O que se Lê no Abecê - 2003
O Dono da Bola - 2004
Dias de Susto - 2005
Mínimas Descobertas - 2005
Quem Conta um Conto Aumenta um Ponto - 2006
O Rei do Espetáculo - 2005
A Festa da Princesa, que Beleza! - 2006
Dois Gigantes Diferentes - 2006
Forrobodó no Forró - 2006
Mágica Terra Brasileira - 2006
Cantigas de Amor - 2006
Fantasia do Olhar - 2006 - Minicontos inspirados nas obras de Aldemir Martins
Pequeno Dicionário Poético-Humorístico Ilustrado - 2006
Ao Pé das Fogueiras Acesas Ciranda Brasileira - 2006
Cantigas para Entender o Tempo - 2007
Literatura infantil : Ler, Contar e Encantar Crianças - 2007 - Formação para pais e professores

Romance

Inventário do Inútil - 1978
Armadilhas da Solidão - 1994

Crônica

Olho por Olho, Dente por Dente - 1982

Poesia

A Dança das Descobertas - 1982

3.3 O RECONHECIMENTO – PRÊMIO JABUTI

O Prêmio Jabuti nasceu em 1958, quando havia muitos desafios para o mercado editorial, com recursos escassos e baixa articulação do segmento. Apesar das adversidades, não faltava entusiasmo aos dirigentes da Câmara Brasileira do Livro naquela época interessados em premiar autores, editores, ilustradores, gráficos e livreiros que mais se destacassem a cada ano. A primeira premiação ocorreu no final do ano de 1959, em solenidade simples e despretensiosa realizada no auditório da antiga sede da CBL na avenida Ipiranga. Foram laureados autores como Jorge Amado, na categoria Romance, pela obra “Gabriela, Cravo e Canela”. A Saraiva ganhou o prêmio de Editor do Ano.

O Premio Jabuti é reconhecido como o mais importante e tradicional do mercado editorial brasileiro. Lançado em 1958, pela Câmara Brasileira do Livro, contempla anualmente os melhores lançamentos editoriais em 29 categorias, quatro delas referentes a elementos da edição e 26, determinadas pelo tipo de conteúdo. As obras inscritas são avaliadas por um júri formado por três especialistas em cada categoria (CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO).

Com seu livro “Contos”, publicado pela Imprensa Oficial, Elias José ganhou o Prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro (CBL) como Melhor Livro de Contos de 1974 e o prêmio Governador do Distrito Federal como Melhor Livro de Ficção de 1974.

Com o fito de avaliar sua relevância, seguem algumas transcrições de depoimentos de escritores agraciados com tal honraria. Ferreira Gullar, 1º lugar na categoria Poesia e Melhor Livro do Ano em Ficção com o título "Em alguma parte alguma" (2011), Editora José Olympio, declara que "Uma vitória é sempre única. Não há uma igual à anterior. Todas são muito exclusivas. Muito grandes".

Ignacio de Loyola Brandão, autor de "O menino que vendia palavras" (2008). Editora Objetiva, afirma que "Ganhar um Jabuti como o Melhor Livro de Ficção de

2008, ainda mais com um infantil, é como pegar um tapete voador e flutuar suavemente, leve e solto, no céu da imaginação e fantasia. Ou seja, um prazer".

Marina Colasanti, 1º lugar na categoria Literatura Juvenil com o título "Antes de virar gigante e outras histórias" (2011), Editora Ática, comenta que vencer o Jabuti representou para ela um compromisso renovado com seu leitor, que é muito exigente. Por isso, esse compromisso estaria cercado de uma seriedade que a emociona e a leva a buscar aperfeiçoar-se em cada nova obra que se põe a escrever.

A importância do Jabuti para a escrita é inquestionável para Ruth Rocha, autora contemplada diversas vezes, e que diz que cada nova indicação renova-lhe a emoção e marca o seu compromisso ainda maior com o público. Ruth Rocha foi 1º lugar em conjunto com Annna Flora na categoria Didático e Paradidático com a "Coleção Pessoinhas" (2011), da Editora FTD.

Miriam Leitão foi vencedora do Prêmio Jabuti pela categoria Livro do Ano de Não Ficção com "Saga brasileira: a longa luta de um povo por sua moeda", em 2012, pela Editora Record. Na ocasião se manifestou dizendo que ganhar o Prêmio Jabuti estaria além da sua imaginação dos seus sonhos, o que acha maravilhoso. Além de agradecer, afirma que para fazer um livro de Não Ficção bom o autor tem que ter o olhar literário para vida. "Na verdade, a história que o Brasil viveu foi muito intensa, muito emocionante, de esperança ao lutar pela moeda, é fascinante escrever livros e ser premiada".

3.4 O EDUCADOR QUE ESCREVEU, O ESCRITOR QUE EDUCOU

Por mais apertada que fosse sua agenda de viagens, divulgando suas obras ou desenvolvendo projetos em nível nacional – jamais lhe faltaram bons patrocinadores -, Elias José não recusava convites para palestras a colegas professores. E o fazia de bom grado e sem qualquer custo.

No 1º Congresso Regional de Educação promovido pela SRE de São Sebastião do Paraíso, comentou que sua história de 32 anos de trabalho em escolas públicas, sempre teve uma ligação muito grande com o órgão, sempre

participando de atividades diversas e coordenando a área de Língua Portuguesa durante um certo período. Na ocasião proferiu a palestra “Leitura como prática de saber e poder”(2000).

Falou sobre a precocidade da leitura, citando Paulo Freire quando afirmou que a leitura do mundo precede a leitura da palavra, contrapondo-se à cultura enciclopédica. Atualmente, as crianças estão indo para a escola mais cedo; elas devem ter contato com livros pois, de certa maneira, a literatura oferece à criança, além de oportunidade de contato com o lúdico, o despertar da atenção, do raciocínio, da criatividade e, com tudo isso concretizado, a consequência será a escrita.

Discorreu acerca das muitas mudanças e disse que o mundo passou a ser muito grande e, parafraseando Drummond, acrescentou que o mundo pesa nos nossos ombros. Convidou os palestristas à reflexão, dizendo que perdemos a noção do menor, a leitura do pequeno. As pessoas não se conhecem mais como antigamente. Já não sentem o outro, não se abraçam mais.

Lembrou, diante disso, de Cecília Meireles, remetendo-se a uma de suas poesias em que a poeta diz que olha tudo, vê o mundo da sua janela, observando detalhes e se sentindo feliz. E que era capaz de ver uma pessoa contando histórias e, embora não a ouvisse, percebia que a história fazia as crianças felizes. E quis saber se isso acontecia na sua janela. As pequenas coisas, segundo ele, são essenciais.

Ocorre que os adultos estão olhando superficialmente o que está à sua volta e “Se o mundo está sendo mal lido pelos professores (...) será mal lido pelos alunos”, que darão muita importância às coisas grandes e não darão atenção às coisas pequenas que podem fazê-los muito felizes.

Perguntou aos espectadores como se capta a poesia do mundo. Ao que ele mesmo respondeu que abrindo os olhos à sensibilidade para as cores, aos sentimentos e à beleza do mundo. É assim que se faz poesia, a partir da observação. “A poesia tem tudo a ver com tudo”, acrescentou. Tudo para Elias José era tema e inspiração para poesia. Um trava-línguas, de Gama Cascudo – velho Félix -, vira poesia deliciosa. Com sensibilidade artística. ele mostra que tudo tem a ver com a poesia. Em “Cantos de Encantamentos” (1996) José faz uma leitura do folclore brasileiro, transformando os mitos em poesias.

Nos dias atuais, muitos são os veículos de comunicação e cada veículo tem a sua linguagem, porém o livro jamais será substituído, acredita o poeta. “A televisão cresceu e dominou o mundo e de repente está fazendo nossa cabeça, é a televisão que nos ensina a moda, a música da moda, o livro da moda (...) é mais importante Jô Soares, Adriana Galisteu que Graciliano Ramos e Machado de Assis. É preciso não cair nesse engodo que a televisão cria”, alerta. E continua, dizendo: “Precisamos fazer um leitura deste veículo que entra nas nossas casas, tão poderoso, que é a televisão - e hoje também a internet”. Não é essa coisa miúda da poesia, é alguma coisa muito mais poderosa, mais agressiva e incisiva e que pode atrapalhar o andamento do processo da criança de encontrar o seu eu. E não há como separar o poeta do educador. O mundo invade a nossa casa com a TV, internet e o telefone, enquanto as coisas pequenas se perdem. O poeta não é aquele que descobre um elefante, é aquele que descobre uma moeda na grama.

Elias José pondera que a boa leitura é um prazer que não é gritante, escandaloso, mas você não sai da leitura de um livro do mesmo modo que você entrou, sem alguma mudança. A leitura, acredita, melhora as pessoas, as torna maiores, mais humanas e possibilita o diálogo interno, com o seu espelho e com as pessoas amadas e com quem se relaciona.

“Fazer literatura é jogar com a palavra, é fazer a palavra ter muitos sentidos, a palavra ser música, a palavra ser imagem na nossa cabeça, ter cor, ter cheiros, ter formas, ter sabores.” Ele brinca com as palavras, com as rimas e fantasias. O leitor, bem como o autor, não tem nenhuma gratificação prática, mas têm ambos o prazer imenso com o jogo da fantasia.

A literatura não pede um leitor passivo. A literatura pede um leitor ativo, que também crie junto; o leitor é um pouco artista, ele vai criar junto com seu autor. À medida que você está criando, você está colocando a sua leitura de mundo, o seu saber naquela obra (...) O saber tem sabores variados. Somos todos convidados para a ceia do saber (JOSÉ, 2000).

Segundo Elias José, toda leitura é admissível, até revista Sabrina - hoje já não existe mais - e livros de autoajuda. Ninguém deve ser impedido de ler; antes um livro ruim do que nenhuma leitura. Essa pode ser a porta de entrada para outras

leituras. Mas completa: “A poesia é um texto de autoajuda”, cuida da alma. Leitura é prazer, por isso entende que “as fichas de leitura são muito empobrecedoras. A obra de arte é bonita (...) e a ficha a empobrece.” Ela pergunta o óbvio (...) Segundo José, uma obra de arte criada com toda liberdade não pode ser limitada, presa, por uma ficha de leitura. Acha absurdo dar nota para leitura de livro. E sugere formas criativas de avaliar a leitura: debate entre os colegas, dramatização, desenho, dança, cartaz.

Quanto ao seu poder e necessidade, afirma que ensinar a leitura não é função só do professor de português – todas as disciplinas devem explorar ao máximo os textos. “A cidadania se cria pela linguagem” e o indivíduo tolhido da leitura é também tolhido da vida cidadã. “A linguagem é a minha maior forma de libertação. Eu digo o que penso, eu digo o que quero pela minha linguagem. Até pela minha linguagem mímica.” Todos os professores devem, portanto, trabalhar a leitura com seus alunos, independente do seu conteúdo ministrado. A escola deve se preocupar muito com a ideologia que o texto passa. Alguns textos difundem implicitamente preconceitos e incitam as crianças à violência.

Nos países de primeiro mundo, os livros são comprados pelas mães em supermercados e chegam nos berços das crianças muito cedo. José se ressentia porque no Brasil os meninos descobrem o livro na escola e, às vezes, um pouco tarde para a leitura do gozo, da fruição. E se refere a Drummond, quando fala das possibilidades de trabalho com as palavras: “Aprendi novas palavras e tornei outras mais belas”. “O livro tem essa coisa de fazer o ser humano crescer, aprender e ser melhor.” Os pais devem praticar a leitura em casa para influenciarem seus filhos a gostarem da leitura, porque nada que é feito por obrigação é feito com prazer.

E chama os educadores à consciência de que precisamos, os adultos, “acordar” para fazer as crianças adormecerem tranquilas, em paz. Precisamos criar novas situações para o encontro lúdico da vida.

Elias José, na luta em prol da leitura, parafraseia Drummond, convidando os colegas: “O presente é tão grande. Não nos afastemos.” “Não nos afastemos muito. Vamos de mãos dadas (...) assumir a responsabilidade de fazer o Brasil ler melhor para que sejamos um dia um país de primeiro mundo.”

3.4.1 Literatura e Metodologia de Ensino

O livro “Uma Escola Assim, Eu Quero Pra Mim” é de autoria de Elias José, com ilustrações de Agostinho Gisé, da FTD. Sua primeira edição é de 1993 e o volume analisado é a sétima edição, publicado em 1999. Em Uma escola assim, eu quero pra mim, Elias José aborda a recepção do outro, o preconceito, a aceitação da diversidade já na fase da infância e do aprendizado escolar (MIZUKAMI, 1983 apud PERREIRA, 1999.)

A obra mereceu atenção especial na Dissertação de Mestrado de Maria Cecília Rizo Pereira, da UNESP/Campus de Presidente Prudente, em 2006. Intitulado “A Leitura na Literatura Infantil Brasileira: a Metodologia da Personagem Professor”, o texto faz uma análise da postura dos educadores e a influência decisiva de sua presença no rumo da vida dos alunos. E a autora cita, entre os livros relacionados, “Uma Escola Assim, Eu Quero Pra Mim”, que traz, no seu bojo, uma história de inclusão, tolerância, solidariedade e convivência com a diversidade humana.

A história tem Rodrigo como personagem principal da obra. Um menino da roça que foi estudar em uma escola da cidade com a professora Dona Marisa, que não aceitou o seu jeito caipira de falar, corrigindo-o aos gritos. Ele passou a ser motivo de chacota de toda a turma. Humilhado, o menino resolveu abandonar os estudos, mas foi impedido pela diretora que lhe anunciou a chegada de outra professora. Dona Marisa se afastou para aguardar o nascimento e cuidar do bebê. Com a chegada da nova professora, Rodrigo aprendeu a gostar da escola.

A história revela duas personagens professoras: Dona Marisa e Dona Celinha. Dona Marisa aparece em dois momentos distintos, no início, quando está grávida e no final da história, retomando o trabalho.

Antes de seu afastamento, ela é mostrada como uma figura negativa, “Dona Marisa era grandona, feia, sabichona como ninguém. Azeda, sem sal nem açúcar.” (JOSÉ, 1999, p.7). Essa descrição de seus aspectos físico e emocional reflete diretamente seu modo de ensinar, “(...) ninguém podia errar que ela virava galinha choca” (p.7).

Ranzinza, às vezes chegava a atacar quem dela se aproximava. A galinha entra no ‘choco’ após o seu período fértil, em que ela bota os ovos e, se ninguém os

retirar será o tempo dela chocá-los, isto é, se recolher sobre esses ovos para que deles nasçam os seus filhotes, os pintinhos. E na obra de Elias José essa comparação é feita, no início da história, quando a professora dona Marisa “virava galinha choca”, que significa brava, fora do seu estado natural de humor. A diretora da escola justifica seu comportamento explicando: “Dona Marisa anda nervosa porque tem sempre partos difíceis” (p.11).

Chega na escola a nova professora, Dona Celinha. Devido ao seu trabalho, ocorre uma mudança radical na situação de ensino-aprendizagem, não só para Rodrigo, mas também para seus colegas. “E dona Celinha escolheu um dos livrinhos e leu gostoso. Parecia uma viagem” (p.14).

A metodologia de leitura utilizada por essa personagem professora se evidencia quando o narrador, na página 9, comenta os problemas da personagem Rodrigo, aluno que veio da roça e não consegue entender por que e para que ele teria que escrever e ‘ler’: “Ivo viu a Eva. A Eva viu a uva. Didi deu um dado ao Dodô. A bola bateu bem na boca do Beto”.

Rodrigo não via significado e não conseguia a razão de ficar repetindo e escrevendo esses ‘textos’ que não possuíam nenhum sentido para ele.

Analisando a metodologia de ensino adotada por Dona Marisa, Pereira (2006) a percebe “desvinculada da realidade da criança, com a utilização de textos de cartilhas, constituídos de frases soltas que não propiciam ao aluno um modelo de texto coeso e com significado, nem estimulam o gosto pela leitura”.

Neste mesmo sentido, Weisz (1999, p.56) afirma:

[...] elas supõem a escrita como espelho da língua que se fala. Seus “textos” são construídos com a função de tornar clara (segundo o que elas supõem) essa relação de transcrição. Em geral, são palavras-chaves e famílias silábicas, usadas exaustivamente – e aí encontram-se coisas como o bebê baba na baba, o boi bebe, Didi dá o dado a Dedé.

Em alguns trechos da obra que retratam dona Marisa no primeiro momento, percebe-se a presença de uma metodologia ligada à concepção empirista que desconsidera a realidade do indivíduo, atribuindo à educação o papel de ajustamento social. Segundo Mizukami (1983, p.30, *apud* Pereira, 2007), “(...)

caberia igualmente à escola oferecer às gerações submetidas ao processo os elementos dominantes num determinado momento sociocultural”.

Quando a personagem Rodrigo, aluno incompreendido e humilhado pela professora e pelos colegas, quer desistir da escola, representada aqui pela dona Marisa que o obriga a repetir várias vezes as expressões que ele pronuncia do seu jeito, o narrador conta que “Ele não sabia falar como doutor. Mas sabia tirar leite, cuidar das vacas, separar os bezerros, plantar e colher” (p.9).

Ficam evidenciados o desprezo pelo saber do aluno e a imposição de uma cultura urbana que desrespeita tudo que se opõe a esse modelo.

Já a personagem professora Celinha consegue oferecer aos alunos um modelo de leitura prazerosa, oposto ao descrito no início da história quando a personagem dona Marisa oferecia aos alunos ‘textos’ de cartilhas: “Ela leu a poesia e, depois, a turma fez coro imitando a pipoca rebentar (...) E nos outros dias todos, dona Celinha lia histórias e poemas. Inventava sempre mil maneiras de ensinar” (p.15).

Com relação à metodologia do ensino da leitura, a professora Celinha, como aponta o texto, utiliza poemas, um dos recursos considerados importantes no ensino da leitura, por estudiosos do assunto. O jogo de palavras e sua sonoridade encantam o texto poético. Para que haja encanto e encantamento, é necessário, de início, haver sensibilização do leitor que procede à descoberta do jogo das palavras, com ludicidade.

O fato de a professora utilizar esse recurso e a maneira como o faz pressupõem uma concepção de leitura e de formação do leitor que difere daquela da professora Marisa, pois considera o gosto infantil ao escolher os textos para trabalhar com as crianças. Para ela, o conhecimento é algo que o sujeito constrói em constante interação. Isso se percebe, por exemplo, quando, a partir da leitura dos nomes dos alunos, propõe que as crianças descubram outras palavras.

Todavia, como era de se esperar, terminou a licença de dona Marisa e ela teve que voltar ao trabalho. “Quando pediu que trouxessem no outro dia a cartilha, Rodrigo não aguentou: – A minha eu nem sei onde enfiei! E nem sei pra que aquela cartilha, qui a gente já ta cansadu de sabe lê...” (p.24). Nessa fala da personagem Rodrigo percebe-se a conquista da autonomia que provavelmente foi adquirida

através da metodologia de trabalho embasada no interacionismo, inserida pela dona Celinha, que permitia aos alunos interagir com seus pares e o professor.

A partir daí, dona Marisa percebe que precisa mudar, buscando outra metodologia de trabalho: “[...] ela foi trazendo para a sala muitas histórias encantadas, muitos poemas gostosos, desenhos, quadrinhos, coisas coloridas e engraçadas. Inventava e inventavam” (p.25).

Na volta ao trabalho, dona Marisa muda seu comportamento: “E foi ficando menos grande, depois quase criança. Muito bonita, doce e feliz em ensinar” (p.26). Ocorre, assim, uma mudança não só na forma de ensinar, mas também nos aspectos físico e emocional da personagem.

Aos olhos de Rodrigo, o trabalho com textos lúdicos (poemas, histórias e quadrinhos, entre outros) fizeram dona Marisa tornar-se mais próxima dele e de seus colegas. Nota-se por trás dessa mudança uma outra metodologia baseada em concepção de leitura e de ensino-aprendizagem, cujo foco deixa de ser somente o objeto, passando pela interação entre sujeito e objeto. O que, na primeira fase do trabalho dela, eram somente passos para se alcançar metas, desprovidos de qualquer conceito e significação, tornou-se metodologia como uma prática social e interativa e a leitura, que era apenas decodificação, tomou uma dimensão de descoberta e de prazer.

Chama a atenção em “Uma escola assim, eu quero pra mim” a mudança por que passam as duas personagens. A professora dona Marisa se transforma tanto física quanto psicologicamente, além da mudança radical em termos profissionais, após sua licença maternidade. As situações de ensino, a abordagem dos conteúdos com os alunos e o suporte de leitura que antes utilizava evidenciam uma metodologia baseada no autoritarismo e na repetição, própria da teoria empirista. Conceitos enraizados por força de nossa formação não são alterados tão rapidamente. No texto literário sim, pois a arte não é cópia do real, ela pode e deve extrapolar o real (SOUZA, apud PERREIRA, 1999).

“Como um observador privilegiado das ações do aprendiz, o professor tem condições de avaliar o tempo todo, e é essa avaliação que lhe dá indicadores para sustentar sua intervenção” (WEISZ, 1999, p.94).

3.4.2 Aprendizes de Elias José - Análise de Depoimentos

O escritor Elias José, que publicou 114 livros divididos em romances, novelas, contos e didáticos, preferia escrever para crianças e adolescentes. Elias afirmava que a leitura deve ser um prazer e que os pais devem incentivar seus filhos a ler desde pequenos (JOSÉ, 2000).

Com o intuito de conhecer amplamente o escritor Elias José, objeto de estudo desta pesquisa, foram colhidos depoimentos de educadoras que ainda se apresentam como suas aprendizes, depois de viverem a experiência de uma convivência profícua. Tais depoimentos, compilados em anexo, não enaltecem tão somente o reconhecido escritor. Focam o educador, o homem, o pai de família e o amigo Elias José.

O primeiro depoimento é de Angela Corrêa, Professora de Ciências e Biologia aposentada, Vice-Diretora do Diretor Elias José na gestão da EE Dr. Benedito Leite Ribeiro, de Guaxupé.

Angela Corrêa foi uma de suas mais leais amigas e suas palavras o descrevem em situações diversas e testificam sobre o escritor que se fez imortal por suas maravilhosas obras e o diretor de escola exigente e cumpridor de seus deveres. Muito além disso, deixa transparecer o homem espirituoso, brincalhão, carinhoso e gentil. Ninguém o descreveria melhor.

Ela discorre a respeito de José, dizendo que

Elias amava os bichos. Ah, não posso me esquecer da Batherfley!,
lindeza de cachorrinha, por quem tinha um carinho enorme na
maneira de contar os "causos" sobre ela.

E esse sentimento de admiração e amor aos animais também transparece em sua obra. Alhures, foi dito que em *Cadê o bicho, cadê?*, os poemas são rítmicos e instigam as crianças a reconhecerem os bichos e suas características. E ele desafia os pequenos leitores encontrá-los nas páginas do livro. Uma riqueza de rimas, letras e frases!

Elias, realmente, amava os bichos. Fez poemas para gato, galinha, pássaros, sempre com um estilo encantador: “Ficou manso, mansinho. Abriu a cara e cantou com voz rara. Escondeu as garras e virou uma doçura de passarinho”. A coruja ganha uma rima que com ela combina: “Coruja, ar de doutora sabichona, de filósofa sem diploma”().

Ao se referir ao colega, “um homem interessante, de muitas facetas e qualidades”, a colega afirma:

Ele adorava minhas reuniões em casa, pois a descendência árabe ligou mais forte as nossas tradições. Minhas mesas fartas e danças o encantavam e enchiam seus olhos de prazer.

É possível observar em todos os depoimentos que Elias José era uma pessoa de bom e fácil convívio. Gostava de festas, de uma boa prosa.

De origem árabe, prezava suas tradições. Essa importância, em suas obras pode ser observada nos seus contos folclóricos, na aproximação da poesia às lendas mitológicas, a fim de aproximar as crianças desse mundo cultural.

Elias José, como um dos maiores representantes da literatura infantojuvenil, alimenta a imaginação das crianças. Em palestra na SRE de São Sebastião do Paraíso (2000), ele diz que “Fazer literatura é jogar com a palavra, é fazer a palavra ter muitos sentidos, a palavra ser música, a palavra ser imagem na nossa cabeça, ter cor, ter cheiros, ter formas, ter sabores”.

Sua sensibilidade o impulsionava ao jogo das palavras, reescrevendo o mundo à sua moda. Ele explica que

A motivação para se criar um texto vem sempre de mil maneiras possíveis: ler o mundo, ler um texto, anotar sonhos interessantes, olhar bem um quadro de pintura que nos emocionou, ouvir uma música envolvente, conversar com quem tem histórias para contar, recontar as próprias histórias que vivemos em família ou no convívio social. Tudo motiva o artista. Lógico que essa motivação, chamada pelos românticos de inspiração, é apenas um ponto de partida para a criação (JOSÉ, 2008).

A partir 1976, por sugestão de sua esposa Sílvia, escreve histórias para sua primeira filha, Lara. Assim, inicia sua produção infantojuvenil, cujo primeiro lançamento é “As Curtições de Pitu”. A afinidade com o gênero e o sucesso obtido com a publicação levaram Elias José a dedicar-se quase que exclusivamente ao público infantil, para o qual escreveu mais de cem livros.

Na palestra acima citada, o escritor perguntou aos espectadores como se capta a poesia do mundo. Ao que ele mesmo respondeu que é abrindo os olhos e à sensibilidade às cores, aos sentimentos e à beleza do mundo. É assim que se faz poesia, a partir da observação. “A poesia tem tudo a ver com tudo” ().

Angela Corrêa apresenta a faceta do homem que manteve viva a criança, que sabe brincar, pregar troça.

Elias, um arteiro. Certa vez, fomos a um restaurante e quando fui pagar a conta, para minha surpresa, o gerente chamou o proprietário e não quiseram receber. Lá fora, a aglomeração já era notável. Enfim, ele espalhou que eu era Regina Duarte, e que havia pago um tour para família toda, no sul. Daí em diante a viagem foi só risos e alegria em ver o menino arteiro aprontando.

Elias José se valeu da semelhança da amiga com a atriz Regina Duarte para fazer a brincadeira; um trote, diriam os alunos. Sabia divertir os que o rodeavam. Era espirituoso e brincalhão.

Ela bem o conheceu como colega e chefe. E o descreve com os adjetivos enérgico, apavorado, admirado e generoso. Enérgico consigo e com seus liderados – educar é coisa séria. Pontual com suas atribuições, não gostava de deslizes. Tinha a capacidade de realizar reuniões produtivas ainda que de improviso porque era um líder antenado, observador, ciente do que acontecia no seu entorno, determinado quanto ao alcance de diretrizes e objetivos educacionais. Não tinha problema para discutir quaisquer assuntos devido ao pleno conhecimento da matéria.

Elias diretor. Profissional enérgico, apavorado com qualquer deslize de quem quer que fosse, reuniões de improviso da melhor esfera. Admirado e querido por sua chefia e por seus liderados. Era generoso e ajudava colegas quando solicitado. Quantas palestras realizou graciosamente!

Embora fosse conhecido em boa parte do mundo pelas suas obras, um cidadão do mundo, Elias José não se desvencilhou de suas raízes, da mineirice do menino de Santa Cruz do Prata, local pelo qual sempre teve apreço e carinho. A Professora relata um fato interessante que claramente confirma a assertiva.

Estava eu em Genebra , quando ouvi uma senhora dizer no restaurante o nome de Elias José, então foi só troca de informações. Conhecido nos melhores cantos do mundo e enraizado cá na Pratinha, que tinha orgulho de mostrar no mapa.

Apresenta, ainda, algumas outras das suas importantes características. O sábio que a aconselhava.

“Angela, quando você fizer convite e a pessoa não comparecer, esqueça-a, lembre-se somente de quem te deu alegria por estar presente.” E até hoje guardo isso, e não fico triste quando não façam presenças de meus convites.

Faz também referência ao *gentleman* e ao amigo cuidadoso. E se mostra agradecida a Deus pela dádiva.

Elias um gentleman. Bom observador, seus elogios eram como flechas de homem rico em conhecer as mulheres, sensível... do sapato, rendas, bolsas, olhar, sorriso... todos recebiam um predicado bonito de se ouvir.
Elias, homem piedoso. Ele internado no hospital, no mesmo em que minha mãe se encontrava internada, de madrugada se preocupou comigo, e logo chegaram sucos, maçãs, biscoitinhos e um recado: “Alimente, minha Angela, você tem que passar a noite, amanhã mando mais”. O que dizer? Só agradecer a Deus por Elias ser meu amigo.

Depois do seu féretro, representou os demais amigos e pôde discursar com beleza, falando com amor, palavras do coração.

Fui escolhida pelos amigos de BH pra fazer a homenagem na sua missa de 7º dia, na catedral. Foi o discurso de improviso mais belo e cheio de amor a um amigo.

Rosana Ramalho Grotto, Professora de Língua Portuguesa e de Literatura, atual Diretora da E. E. Dr. Wenceslau Braz, em Monte Santo de Minas, foi aluna do Professor Elias José, em Guaxupé, e discorre sobre esse período.

O professor Elias era muito exigente. Lembro-me do primeiro texto/conto que ele nos deu para analisar: Uma vela para Dario (Dalton Trevisan). Ele acreditava que todos os alunos tinham facilidade para a Literatura – o que não era a realidade.

Quanto à sua exigência, a ex-aluna ratifica a afirmativa da colega Angela Corrêa que o caracteriza como enérgico. Sua exigência é clara quando cobra comprometimento dos servidores da Escola dirigida por ele, bem como de seus alunos na faculdade.

Parece haver um paradoxo na declaração de Rosana Ramalho Grotto, que se remete às longas e cansativas provas de Literatura e, simultaneamente, declara ter saudade e ótimas lembranças do passado.

As provas... Duas ou três perguntas, mas com respostas de duas a três laudas cada. Análise pura embasada na teoria que ele explanava em suas aulas e que solicitava que estudássemos em casa, pois não dava tempo de dar tudo em aula. Tenho muita saudade e ótimas lembranças do meu professor Elias José, porque com ele aprendi muito e continuei uma apaixonada pela literatura.

Nem todos tinham o mesmo interesse pela Literatura, conta a professora:

Entendia muito de Literatura e conseguia passar essa paixão por ela para nós – os que gostavam. Alguns colegas não nutriam a mesma paixão pela Literatura e tinham mais dificuldade em lidar tanto com o conteúdo quanto com o professor.

E revela que, “segundo sua própria fala, teve o prazer de dar seus primeiros 10 para as meninas de Monte Santo”. Percebe-se que era competente, exigente, mas se alegrava com o sucesso dos alunos.

De acordo com Jakson de Alencar, vice-diretor da PAULUS, “Ele foi uma pessoa que viveu intensamente e não passou pelo mundo em vão. Com sua simplicidade e profunda humanidade, ajudou a inventar e a reinventar um mundo melhor e nos deixou um legado inspirador” ().

Sua simplicidade e humildade são características marcantes da sua personalidade, por isso, sempre lembradas nos depoimentos arrolados.

O professor gostava de festas, asseverou a Professora Angela Corrêa. Rosana Ramalho Grotto também falou desse prazer. Um professor severo em sala de aula que desfrutava momentos agradáveis em reuniões festivas com os alunos – esse era Elias José.

Ele também gostava de festas e em muitas sextas depois das aulas íamos para a casa de sua irmã Iracema fazer um churrasco e conversar. Noites agradabilíssimas.

Marta Martins, Professora de Língua Portuguesa e ex-Secretária de Educação de Monte Santo de Minas, foi aluna de Elias José e o professor continua vivo em suas lembranças e, no seu depoimento, traça um paradoxo muito interessante.

Elias José: um paradoxo

Como defini-lo? Talvez o monstro que me fez transpirar e tremer em provas colossais realizadas nas manhãs de sábado ou o mestre que me fez também transpirar a cada conto ou poema e me apaixonar pela arte da palavra?

Sua afirmação provoca reflexão. O professor universitário era capaz de, com sua “monstruosidade”, levar uma aluna à transpiração e, ao mesmo tempo, levá-la à paixão pela arte escrita – um verdadeiro paradoxo.

No seu relato, ela acrescenta que

Após o primeiro ano do curso de Letras as tremedeiras dissiparam-se, mas a minha paixão pela Literatura não morrerá jamais, assim como Elias José permanecerá vivo em cada obra, em cada aluno que teve o privilégio de beber no cálice de sua sabedoria e encantamento.

O que mais poderia desejar o mestre se o seu discípulo se diz privilegiado ao beber no cálice de sua sabedoria? Parece não haver desejo maior que essa comunhão, marcada pelo respeito e admiração. Haveria mais o que buscar além da lembrança eterna de seus educandos? Lembrança eterna e saudosa de todos os seus aprendizes, observa-se.

Conhecedora da obra de Elias José, a Professora Marta Martins apresenta uma receita ao leitor.

Sua obra deve ser degustada em toda sua simplicidade e mineirice, assim como deve servir de inspiração ao delicioso “Namorinho de portão” entre os apaixonados ou, ainda, aos educadores que sonham com “Uma escola assim, eu quero pra mim”. Elias José: mestre inesquecível.

Maria Esméria Azevedo, durante muitos anos, foi colega de Elias José – ambos, diretores de escolas estaduais de Guaxupé – e, posteriormente, inspetora escolar da EE Dr Benedito Leite Ribeiro por ele dirigida. Ela opta, em seu depoimento, falar da lembrança do educador querido, respeitado por todos, cumpridor de seus afazeres como funcionário público e imortal por meio de seus personagens.

Ela registrou:

Não vou falar do contista, romancista, poeta, especialista em literatura infanto-juvenil, com mais de 100 livros publicados. O homem que ministrou cursos, palestras, oficinas.

E, a respeito do educador sensível e democrático, declarou que:

“Acatava sugestões, sabia elogiar, agradecer e voltar atrás em decisões quando havia argumentos que mostravam seu erro.”

A Inspetora Escolar enfatizou, no seu depoimento, a inteligência, a alegria, a cultura e a humildade do Diretor Escolar. Sem demasiada vaidade, se comportava conforme seu cargo e atribuições, atuando como servidor público, sem lançar mão de seu prestígio como escritor.

O que sempre me encantou no Elias, além da inteligência, da alegria, da cultura foi a sua humildade. Nunca fez política nem propaganda de si mesmo. Eu me sentia constrangida, toda vez que ele me dava satisfações de alguma palestra que exigia a sua ausência da cidade. Fazia questão de me avisar por quanto tempo se ausentaria e de como reporia as horas.

Elias José, em palestra, ponderou que a boa leitura é um prazer que não é gritante, escandaloso, mas que não lhe permite sair da leitura do mesmo modo que entrou, sem alguma mudança. A leitura, acreditava, melhora as pessoas, as torna maiores, mais humanas e possibilita o diálogo interno, com o seu espelho e com as pessoas amadas e com quem se relaciona.

Muitas vezes os professores reclamam do desinteresse dos alunos pela leitura. Existem vários fatores que contribuem para esse fato. As crianças têm múltiplas atividades que os interessam mais que a leitura. Com todas estas atividades, os livros acabam ficando esquecidos ou são usados somente se a pessoa não tiver nenhuma outra atividade em mente.

Em sua produção de obras infantis e juvenis, começada em 1976, Elias José buscou a linguagem cotidiana e a sintaxe direta, no esforço de se aproximar dos seus leitores. Tematicamente, trabalhou com elementos bastante variados, como a realidade social e suas injustiças, as relações afetivas e humanitárias, as aventuras que visam decifrar enigmas e o reconto de narrativas folclóricas de origem europeia, indígena ou africana. Como tudo evolui, a literatura também evoluiu para atingir ao público infantil. Elias José, na escolha de elementos para seus textos, fez-se capaz de formar “novos” leitores.

Um servidor que gozou de credibilidade, que não impunha sua autoridade à força, pelo contrário, aceitava a participação coletiva na gestão escolar.

Comandava uma escola com mais de 2000 (dois mil) alunos, centenas de servidores e nunca o vi se impor pela força. Acatava sugestões, sabia elogiar, agradecer e voltar atrás em decisões quando havia argumentos que mostravam seu erro.

A Inspetora Esméria acrescenta:

Tive oportunidade de ouvir algumas palestras do Elias e vê-lo usando livros de outros escritores, nos fazendo ver encantamento em textos que talvez, sozinhos, não enxergássemos.

Elias José (2000), na luta em prol da leitura, parafraseia Dumond, convidando os colegas: “O presente é tão grande. Não nos afastemos”. (...) “Não nos afastemos muito. Vamos de mãos dadas (...) assumir a responsabilidade de fazer o Brasil ler melhor para que sejamos um dia um país de primeiro mundo.”

Em “Uma Escola Assim, Eu Quero Pra Mim” (1993), Elias José constrói uma história de inclusão, tolerância, solidariedade e convivência com a diversidade humana. Rodrigo é personagem principal da obra. Um menino da roça que foi estudar em uma escola da cidade com a professora Dona Marisa, ranzinza, que não aceitou o seu jeito caipira de falar, corrigindo-o aos gritos. Ele passou a ser motivo de chacota de toda a turma. Com a chegada da nova professora, Rodrigo aprendeu

a gostar da escola. Chega na escola a nova professora, Dona Celinha. Devido ao seu trabalho, ocorre uma mudança radical na situação de ensino-aprendizagem, não só para Rodrigo, mas também para seus colegas. Dona Celinha lia gostoso. Parecia uma viagem.

Rodrigo, que não via significado e razão de ficar repetindo e escrevendo textos da cartilha, desvinculados da realidade da criança, constituídos de frases soltas que não propiciam ao aluno um modelo de texto coeso e com significado, nem estimulam o gosto pela leitura, conhece uma nova metodologia de leitura. E, por meio de suas histórias, Elias José discute dramas cotidianos escolares e ensina a discentes e docentes.

A Professora Sára Maria Caixeta de Oliveira se confessa admiradora de Elias José, conhecendo-o como escritor. Admiração que cresceu com a convivência no trabalho.

Meus filhos cresceram ouvindo histórias de Elias José. No aniversário de três anos do meu filho mais velho, o motivo do bolo foi a fazenda de Pitu, conforme desejo do aniversariante que se encantara com o mundo da personagem do livro “As Curtições de Pitu”.

Já citado, Freire (2008, p. 22) afirma que “A compreensão crítica da alfabetização, que envolve a compreensão igualmente crítica da leitura, demanda a compreensão crítica da biblioteca”. Dessa forma, é preciso que a escola proporcione aos alunos o contato com a leitura, que os ensine a ler. Para tal prática, a biblioteca escolar é um espaço perfeito para que todos que nela atuam possam usufruir de seus livros como fonte de experiência, formando assim, cidadãos leitores.

Freire (2008) também assevera que é praticando a leitura que se aprende a ser um bom leitor, da mesma forma que praticando se aprende a nadar, se aprende a trabalhar; praticando se aprende a ler e a escrever. Praticando aprende a praticar melhor.

É preciso que essa prática de leitura comece na escola, pois muitos alunos não têm esse hábito de ler em casa, por isso a escola tem o papel fundamental de incentivar a leitura na educação. Desse modo, a escola é a porta do conhecimento

que fornece as condições básicas para o aprendizado permanente. A biblioteca é um ambiente propício para a leitura, condição indispensável ao desenvolvimento social e a realização individual do homem.

Elias José conhecia a realidade dos alunos da Escola que dirigia e sabia que a escola representa a única oportunidade de ler que muitos alunos têm, talvez única oportunidade de contato com os livros que são identificados como livros didáticos. Portanto, é necessário propiciar na biblioteca a leitura viva, diversificada e criativa, representando a forma de pensar, de agir e sentir de cada aluno.

Anos mais tarde, Diretora da Superintendência Regional de Ensino, Sára Caixeta conheceu e dirigiu o trabalho de Elias como Diretor e a especial atenção dispensada à biblioteca, espaço que ele carinhosamente chamava de “coração da escola”.

A Professora Sara Caixeta registrou:

Anos mais tarde, Diretora da Superintendência Regional de Ensino, acompanhei o trabalho de Elias como Diretor da Escola Estadual Dr. Benedito Leite Ribeiro e a especial atenção dispensada à biblioteca, espaço que ele batizara de “coração da escola”.

Fez menção à aprendizagem em ocasiões de encontro com o escritor que jamais deixou de exercer o magistério. E o reconhecimento do órgão regional de Educação e do Governo Estadual.

Os encontros com o escritor na SRE eram sempre oportunidades maravilhosas de aprendizado. E, por tudo que com ele aprendíamos, o reverenciamos: no ano 2000, a jurisdição escolar o homenageou por sua exitosa trajetória, durante o 1º Congresso Regional de Educação, em São Sebastião do Paraíso.

Elias José também teve o reconhecimento do Governador Itamar Franco que, em 2001, outorgou-lhe a Gran Medalha da Educação, em cerimônia no Palácio da Liberdade, em Belo Horizonte.

Para Elias José, ler e escrever são atos de alegria. Seu ofício sempre foi exercido com paixão e arte. Alcançou o objetivo maior da literatura: contribuir para a formação de “novos” leitores.

Encerrando esta análise, é pertinente enfatizar a contribuição dos depoimentos de educadoras que, em diferentes contextos, conviveram com o escritor, o professor, o diretor, o grande líder. O conceito de liderança no texto de Rubem Alves aplica-se a Elias José, que, por meio de suas obras, ensina os leitores a descobrir, admirar e alcançar novos horizontes.

Assim são os líderes que inauguram povos. Sabem que o que importa não é que sejam vistos pelo povo, mas que o povo possa ter um mundo novo através deles. Não se preocupam com a admiração narcísica de sua imagem. Mas desejam muito que o povo aprenda a admirar horizontes novos para onde caminhar (ALVES, 2002, p.103).



Figura 1: Homenagem: Reconhecimento Estadual, 2000
Fonte: Arquivo Pessoal de Sara Caixeta

Elias José, o homenageado, Sara Caixeta, Diretora da SRE e Maria José Féres, Secretária Adjunta de Estado de Educação de Minas Gerais – Palácio da Liberdade, 2001.



Figura 2: Bolo Temático: Fazenda do Pitu, 1985.
Fonte: Arquivo Pessoal de Sara Caixeta

3.5 INSTITUTO ELIAS JOSÉ

O Instituto Cultural Elias José (ICEJ), situado na Rua Pereira do Nascimento, 240-A, Guaxupé, Minas Gerais, é uma entidade de cunho literário, cultural e artístico, com sede em Guaxupé, Minas Gerais, que tem como objetivo a divulgação da literatura infantil, com o intuito de manter viva a rica obra do escritor Elias José, privilegiando a linguagem oral, através de contadores de histórias, contribuindo para a conservação e engrandecimento do patrimônio cultural mineiro. Foi fundado em 2008, por iniciativa de Silvia Monteiro Elias, viúva do escritor Elias José.

Atualmente, o Instituto funciona em um espaço cedido pela família do escritor, na cidade de Guaxupé. Tem como principal objetivo desenvolver atividades literárias e culturais à comunidade de Guaxupé/MG e região, privilegiando principalmente o incentivo à leitura infanto-juvenil, com apresentações teatrais, hora do conto e atividades afins em salas graciosamente decoradas para entreter o público infantil - uma forma justa de se homenagear o escritor guaxupeano Elias José, que foi um grande escritor de Literatura infanto-juvenil, publicando mais de 100 (cem) livros na área e ministrando palestras alusivas ao assunto a educadores em todo o Brasil.

Além disso, contém um Sebo em funcionamento, com a ajuda de doações de livros feitas por pessoas da comunidade local e uma Biblioteca Infantojuvenil com mais de 1.000 livros no acervo aberta ao público de segunda à sexta-feira.

O ICEJ conta ainda, com visitas a diversas entidades guaxupeanas, incentivando nas crianças o gosto pela leitura através do contato com os livros, provocando discussão e reflexão sobre as idéias extraídas dos mesmos.

A criação do Projeto “Caixa Mágica de Surpresa” propõe a interação do livro com a criança e desenvolve atividades literárias e culturais às comunidades educacionais, de preferência ligada às entidades carentes, de alta vulnerabilidade social, para que a criança passe a encarar o livro como um objeto lúdico para facilitar a sua aprendizagem, enriquecendo-a.

O Instituto Cultural Elias José lançou no mês de março de 2013 seu primeiro Programa de Leitura, em parceria com o Departamento de Educação e o Departamento de Cultura do município de Guaxupé.

Em 2013, o programa realizou a doação de mais de 1.000 livros para as escolas estaduais, municipais e da rede privada de Guaxupé e região, além da zona rural, para o desenvolvimento de atividades de leitura e trabalho com o texto em sala de aula. No início de abril, 700 livros já foram entregues para os alunos da rede, os livros chegaram às escolas acompanhados pelos contadores de histórias do Grupo Passarim.

A leitura é incentivada, tendo como objetivo o estímulo ao gosto pela leitura e o desenvolvimento de projetos artísticos e literários a partir do encontro com a obra nas escolas. Durante a III Semana Elias José de Literatura Infanto-Juvenil, os professores e alunos tiveram espaço privilegiado para a apresentação de seus projetos às famílias, às demais escolas e aos moradores da cidade.

A ideia é valorizar e divulgar as ações de promoção à leitura desenvolvidas na escola, contribuindo com a formação de cidadãos leitores e sensíveis às expressões artísticas e culturais.

O Instituto Cultural Elias José participou, em 2013, da 49ª Feira do Livro de Porto Alegre, um dos eventos mais importantes da área literária do país. O convite partiu da coordenadora da Área de Literatura Infantil e Juvenil da Câmara do Livro do Rio Grande do Sul, Sônia Zanchetta. Representaram o ICEJ na Feira Sílvia Monteiro Elias, diretora do Instituto e viúva do escritor Elias José, Vanessa Marques e William Rodrigues, membros do Grupo Passarim de Contadores de Histórias, mantido pela instituição.

Durante os três dias, além das contações de histórias para vários públicos estudantis e visitantes no espaço “Vitrina da Leitura”, o ICEJ divulgou, por meio de banners, fotos e recursos audiovisuais, o trabalho de Elias José e os projetos culturais desenvolvidos pelo Instituto nos seus 5 anos de existência. Entre eles, destacam-se a III Semana Elias José, realizada em agosto de 2013, e o Projeto “Ler Elias”, que promoveu o estímulo à leitura a todos os alunos da rede pública estadual e municipal de Guaxupé e de várias cidades da região.

O Instituto, por meio de seus eventos, tem atingido seus objetivos gerais, a saber: estimular o gosto pela Literatura como fonte de cultura entre pessoas interessadas, articulando o convívio de crianças com os membros e voluntários ligados ao ICEJ; promover discussões que ressaltem a Literatura como fonte de prazer; fazer com que os Contadores de Histórias sejam o elo entre as crianças para privilegiar a linguagem oral e reviver o prazer de recontar; manter encontros que desenvolvam atividades infantis que estimulem a criação literária e a importância de se conhecer os autores e seus textos; privilegiar a apresentação de peças teatrais que são frutos da literatura oral e escrita.

O ICEJ conta com a parceria do Grupo Experimental de Teatro Proscênio, da Escola Estadual Dr. Benedito Leite Ribeiro. Este grupo participa ativamente de todas as atividades desenvolvidas no ICEJ, desde março de 2009. Recentemente, seus atores fizeram uma apresentação do Projeto Caixa Mágica de Surpresa no Teatro Municipal daquela cidade e foram muito aplaudidos pelo público presente

CONCLUSÃO

Ao fim deste trabalho, reconhecemos o quanto é importante o processo da leitura na vida do aluno. Podemos defender a importância do contato da criança com os livros cada vez mais cedo, sabendo como o professor deve trabalhar a leitura com o aluno em cada faixa etária de sua vida.

Entendemos que o professor, complementando a ação familiar, deve ser o maior incentivador na hora de ensinar, contribuindo para que o aluno desenvolva o prazer pela leitura e adquira os conhecimentos que sua prática pode promover.

Conhecemos algumas obras de Elias José e testemunhamos como foi grande sua contribuição para o mundo da Literatura Infanto-Juvenil; suas palestras promoveram enriquecimento do *currículum* de pais, alunos e professores. Foi possível contextualizar a Literatura Infantojuvenil de Elias José e conhecer sua influência na construção de um novo leitor, nosso objetivo geral.

Alcançamos, durante a realização do trabalho, os objetivos específicos desejados, quais sejam: investigar a vida e obra de Elias José; identificar o estilo e características da sua obra; comprovar a importância de seu trabalho no cenário da literatura brasileira e identificar a literatura infantojuvenil de Elias José como instrumento da prática docente.

Entendemos que as crianças devem perceber a leitura como algo prazeroso e desafiador. E, para corroborar com esta ideia nada melhor do que a escolha do nome de Elias José, um representante do realismo mágico. Pretendemos, com nossa iniciativa, difundir significativamente a importância da obra desse autor mineiro tão importante, nascido em Santa Cruz do Prata, distrito de Guaranésia, sem esgotarmos possibilidades de pesquisas futuras. Trata-se, também, de uma homenagem ao escritor.

O Instituto Cultural Elias José mantém vivas suas aspirações, defendendo a formação de novos leitores, cidadãos sensíveis às expressões artísticas e culturais. Privilegia a linguagem oral e revive o prazer de contar e recontar histórias.

À vista dos depoimentos de educadoras que conviveram com o escritor, seja como alunas, amiga, colega e vice-diretora da sua gestão escolar, inspetora escolar do setor da EE. Dr. Benedito Leite Ribeiro e diretora da SRE, é possível afirmar

que, muito além das obras literárias, Elias José deixa um legado pessoal àqueles que o conheceram pessoalmente.

Como pai amoroso, Elias foi capaz de transmitir valores morais a seus filhos. Como amigo, foi atencioso, companheiro e conselheiro com os que amava.

Amigo dos animais e, especialmente, de sua cachorrinha de estimação, dedicou-se também a escrever sobre os bichos. Sensibilizou e encantou crianças e adultos com seus cenários, aventuras, rimas e cores.

Elias José preservava raízes. Amava a Pratinha, sua terra natal, e se encantava com sua descendência árabe. Talvez por isso tenha transformado em poesias lendas e mitos folclóricos brasileiros, resgatando raízes culturais.

Era um festeiro, admirava a boa mesa, a música e a dança. Festejava com familiares, amigos e alunos. Um homem observador, de fino gosto e trato, um *gentleman*, cultivava o hábito do elogio.

Da mesma forma que se comunicava – era o mestre da palavra -, sabia ouvir, acatar sugestões e diretrizes educacionais.

Profissionalmente, portou-se sempre como verdadeiro servidor público, atento, cumpridor de suas atribuições, responsável, com espírito exemplar de liderança, entendendo o valor da gestão democrática e participativa na escola pública. Mas não convivia naturalmente com deslizes de seus chefiados; era muitíssimo rigoroso e pontual.

Como professor universitário, foi extremamente exigente, levando alunos à exaustão, ao mesmo tempo em que os encantava com a excelência do seu conhecimento literário – um paradoxo.

Dada a riqueza da obra do escritor – contista, romancista e poeta –, que divulgou o nome e a cultura do Brasil pelo mundo, somada à biografia do homem que honrou a sua vocação de educador como professor e diretor de uma escola estadual, professor e gestor universitário e também palestrante, este trabalho se propôs a divulgar o artista mineiro, sem a pretensão, como já foi dito, sem esgotar o assunto e encerrar a pesquisa. Muito ainda se terá a estudar sobre Elias José.

E concluímos: a leitura é capaz de fazer transformações na vida humana e formar cidadãos mais críticos e com maiores possibilidades de crescimento, seja no âmbito pessoal, profissional e cultural, enfim, na sociedade em que estão inseridos.

A literatura de Elias José, com seu talento e sensibilidade, é capaz de formar “novos” leitores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARONE, L. M. C. **Literatura e Construção da Identidade**. Conferência proferida no VII Congresso Brasileiro de Psicopedagogia, em 2006, São Paulo. SP: Revista Psicopedagogia, 2007

BORTONE, M. E. ; MARTINS, C. R. **A construção da leitura e da escrita do 6º ao 9º ano do ensino fundamental**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**, v.2. Brasília: MEC/SEB, 1997

CASASANTA, T. **Criança e literatura**. 12.ed. Belo Horizonte: Vega, 1998.

Câmara Brasileira do Livro. 56º **Prêmio Jabuti. Edições Anteriores**. www.premiojabuti.com.br/http://cbl.org.br/, acesso em 20 de março de 2014.

DACANAL, J. H. **Realismo Mágico**. Porto Alegre, Ed. Movimento, 1970.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 2000.

GÓES, L. P. **Introdução a Literatura Infantil e Juvenil**. 2ª ed. São Paulo: Pioneira, 1991.

HOHLFELDT, A. **Conto Brasileiro Contemporâneo**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1981.

HUPPES, M. C. **Literatura infantil: história e situação atual**. 2006. Disponível em: <<http://www.unifebe.edu.br/divulgacao/discente06.doc>>. Acesso em: 20 set. 2013.

JOSÉ, E. **O Pescador Encantado** – Cantos de Encantamento. Editora Formato, 1996).

_____, E. **Uma escola assim, eu quero pra mim**. Ilustrações: Agostinho Gisé. 7. ed. São Paulo: FTD, 1999.

_____, E. **Literatura infantil: ler, contar e encantar crianças**. Porto Alegre: Mediação, 2007.

_____, E. **Um pássaro em pânico**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1984.

_____, E. **Escola: morada de inventor e outros contos de escola**. PAULUS, 2008.

_____, E. **Memória, cultura e literatura – O prazer de ler e recriar o mundo**. Editora Paulus, 2008

_____, J. **Leitura como prática de saber e poder** (vídeo). São Sebastião do Paraíso: SRE, 2000.

MACIEL, N; **Literatura fantástica no Brasil**. WWW.bestario.com.br – revista de contos, acesso em 02 de abril de 2014.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MARTINS, M. H. **O que é leitura?** 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MINAS GERAIS. **Orientações para a Organização do Ciclo Inicial de Alfabetização**, vol.2. Belo Horizonte: SEE/CEALE-UFMG, 2003.

OLIVEIRA, M. A. de. **Leitura Prazer: Interação Participativa da Criança com a literatura Infantil na Escola**. São Paulo: Paulinas, 1996.

PEREIRA, M. C. R. **Literatura Infantil Brasileira: a metodologia da Personagem Professor**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP/Campus de Presidente Prudente, 2006.

PETIT, M. **A leitura em espaço em crise**. Ver Bras Psicanál. 2006

RODRIGUES, M. H. **Realismo Mágico no Brasil: Revisão Crítico-Estética**. UEM-Pr., acesso em 15 de maio de 2014.

Realismo Mágico. http://pt.wikipedia.org/wiki/Realismo_m%C3%A1gico, acesso em 02 de abril de 2014.

SANTOS, J. F. Blog, 5 de agosto de 2008

SANTOS, A. P. dos. **O poder do discurso**. Um estudo de *Um pássaro em pânico*, de Elias José. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1984

SOUZA, RJ de. **Narrativas Infantis: a literatura e a televisão de que as crianças gostam**. Bauru: USC, 1992.

SOLÉ, I. **Estratégias de Leitura**. Porto Alegre: Ed. Artmed, 1998

TREVIZAN, Z. **As malhas do texto: escola, literatura, cinema**. São Paulo: Clíper Editora, 1998

WEISZ, T. **O diálogo entre ensino e aprendizagem**. São Paulo: Ática, 1999.



ANEXO 01: PROTOCOLO NIP

PARECER DO NIP- CALAFIORI

NÚMERO DESTE PROTOCOLO: 029

Protocolo de Pesquisa referente ao Projeto n^o 029

Título do Projeto de Pesquisa: A Literatura Infantojuvenil de Elias José e sua Influência para a construção de um novo leitor

Nome (s) do (s) Pesquisador (es): “Iara Cristina de Souza Marçal e Valdirene Soares.”

Orientadora: Profa Especialista Sára Maria Caixeta de Oliveira

O presente projeto é de extrema relevância em função da importância da literatura infantil no processo de formação do leitor.

Aprovado.

Data: 02/04/2014

Alessandra Márcia Montanhini

Presidente do NIP- CALAFIORI

ANEXO 02: APRENDIZES DE ELIAS JOSÉ

Ângela Corrêa foi uma das mais leais amigas de Elias José e suas palavras o descrevem em situações diversas e testificam sobre o escritor que se fez imortal por suas maravilhosas obras e o diretor de escola exigente e cumpridor de seus deveres. Muito além disso, deixa transparecer o homem espirituoso, brincalhão, carinhoso e gentil. Ninguém o descreveria melhor.

Falar de Elias José escritor, de literatura, contos, viagens, prêmios, professor, diretor, é fácil, pois se trata de um homem grande que deixou uma biografia e bibliografia que valem tesouro. E falar de Elias amigo e vizinho é sinônimo de saudade, é falta do amigo de alma e do respeito aos decretos e desígnios de Deus.

Antes de trabalhar como colega e depois sua vice-diretora da Escola Estadual, já morávamos na mesma rua e tínhamos um elo de amizade fraternal. Era um homem interessante, de muitas facetas e qualidades.

- Elias do bom gosto. Ele adorava minhas reuniões em casa, pois a descendência árabe ligou mais forte as nossas tradições. Minhas mesas fartas e danças o encantavam e enchiam seus olhos de prazer.

- Elias amava os bichos. Ah, não posso me esquecer da Batherfley!, lindeza de cachorrinha, por quem tinha um carinho enorme na maneira de contar os "causos" sobre ela.

- Elias, um arteiro. Certa vez, fomos a um restaurante e quando fui pagar a conta, para minha surpresa, o gerente chamou o proprietário e não quiseram receber. Lá fora, a aglomeração já era notável. Enfim, ele espalhou que eu era Regina Duarte, e que havia pago um tour para família toda, no sul. Daí em diante a viagem foi só risos e alegria em ver o menino arteiro aprontando.

- Elias na genética. Ele deixou pra cada filho um gene marcante: para Livia, a aventura pelo mundo das viagens; para o Erick, o homem de bem e do bem; para lara, a competência no trabalho notável.

- Elias diretor. Profissional enérgico, apavorado com qualquer deslize de quem quer que fosse, reuniões de improviso da melhor esfera. Admirado e querido por sua

chefia e por seus liderados. Era generoso e ajudava colegas quando solicitado. Quantas palestras realizou graciosamente!

- Elias no exterior. Estava eu em Genebra , quando ouvi uma senhora dizer no restaurante o nome de Elias José, então foi só troca de informações. Conhecido nos melhores cantos do mundo e enraizado cá na Pratinha, que tinha orgulho de mostrar no mapa.

- Elias, um sábio. “Angela, quando você fizer convite e a pessoa não comparecer, esqueça-a, lembre-se somente de quem te deu alegria por estar presente.” E até hoje guardo isso, e não fico triste quando não façam presenças de meus convites.

- Elias um gentleman. Bom observador, seus elogios eram como flechas de homem rico em conhecer as mulheres, sensível... do sapato, rendas, bolsas, olhar, sorriso... todos recebiam um predicado bonito de se ouvir.

- Elias, o final. Fui escolhida pelos amigos de BH pra fazer a homenagem na sua missa de 7º dia, na catedral. Foi o discurso de improviso mais belo e cheio de amor a um amigo.

- Elias, homem piedoso. Ele internado no hospital, no mesmo em que minha mãe se encontrava internada, de madrugada se preocupou comigo, e logo chegaram sucos, maçãs, biscoitinhos e um recado: “Alimente, minha Angela, você tem que passar a noite, amanhã mando mais”. O que dizer? Só agradecer a Deus por Elias ser meu amigo.

- Elias sensível. Antes de falecer, um mês antes, veio ao meu encontro, triste, chateado e cabisbaixo. Alguém o feriu com esquecimento de um convite. Mas logo retruquei com um abraço e pedindo pra ele perdoar os fracos. Com certeza ele pegaria a cena do evento. E foram só risadas.

- Elias , saudades...

Rosana Ramalho Grotto, Professora de Língua Portuguesa e de Literatura, atual Diretora da E. E. Dr. Wenceslau Braz, em Monte Santo de Minas, foi aluna do Professor Elias José, em Guaxupé, e discorre sobre esse período.

Elias José, o Professor

O professor Elias era muito exigente. Lembro-me do primeiro texto/conto que ele nos deu para analisar: Uma vela para Dario (Dalton Trevisan). Ele acreditava que

todos os alunos tinham facilidade para a Literatura – o que não era a realidade. Assim, muitos colegas do primeiro ano não voltaram para o segundo, pois tinham imensa dificuldade em entender suas aulas.

Suas aulas seguiam as apostilas com textos, poemas, poesias, crônicas e contos que ele elaborava e passava para todos através do DA.

Entendia muito de Literatura e conseguia passar essa paixão por ela para nós – os que gostavam. Alguns colegas não nutriam a mesma paixão pela Literatura e tinham mais dificuldade em lidar tanto com o conteúdo quanto com o professor.

As provas... Duas ou três perguntas, mas com respostas de duas a três laudas cada. Análise pura embasada na teoria que ele explanava em suas aulas e que solicitava que estudássemos em casa, pois não dava tempo de dar tudo em aula.

Arguto, dava respostas claras ao que perguntávamos. Gostava muito da turma de Monte Santo – éramos em 8 alunas montessantenses na minha turma. Segundo sua própria fala, teve o prazer de dar seus primeiros 10 para as meninas de Monte Santo: Lena Zotti em uma de suas provas e eu na minha primeira aula.

Lembro-me, também, da leitura do seu livro Inventário do Inútil e da prova e da análise deste, que todas nós fizemos com bastante eficácia.

Tenho muita saudade e ótimas lembranças do meu professor Elias José, porque com ele aprendi muito e continuei uma apaixonada pela literatura.

Ele também gostava de festas e em muitas sextas depois das aulas íamos para a casa de sua irmã Iracema fazer um churrasco e conversar. Noites agradabilíssimas.

Marta Martins, Professora de Língua Portuguesa e ex-Secretária de Educação de Monte Santo de Minas, foi aluna de Elias José e o professor continua vivo em suas lembranças e, no seu depoimento, traça um paradoxo muito interessante.

Elias José: um paradoxo

Como defini-lo? Talvez o monstro que me fez transpirar e tremer em provas colossais realizadas nas manhãs de sábado ou o mestre que me fez também transpirar a cada conto ou poema e me apaixonar pela arte da palavra?

Após o primeiro ano do curso de Letras as tremedeiras dissiparam-se, mas a minha paixão pela Literatura não morrerá jamais, assim como Elias José permanecerá vivo em cada obra, em cada aluno que teve o privilégio de beber no cálice de sua sabedoria e encantamento.

Sua obra deve ser degustada em toda sua simplicidade e mineirice, assim como deve servir de inspiração ao delicioso “Namorinho de portão” entre os apaixonados ou, ainda, aos educadores que sonham com “Uma escola assim, eu quero pra mim”.

Elias José: mestre inesquecível.

Maria Esméria Azevedo, durante muitos anos, foi colega de Elias José – ambos diretores de escolas estaduais de Guaxupé – e, posteriormente, inspetora escolar da EE Dr Benedito Leite Ribeiro por ele dirigida. Ela opta, em seu depoimento, pela lembrança do educador querido, respeitado por todos, cumpridor de seus afazeres como funcionário público e imortal por meio de seus personagens.

Não vou falar do contista, romancista, poeta, especialista em literatura infanto-juvenil, com mais de 100 livros publicados. O homem que ministrou cursos, palestras, oficinas. Sobre isso basta abrir a Internet. Recomendo que visitem virtualmente ou pessoalmente o “Instituto Cultural Elias José – ICEJ”, em Guaxupé. Local de muita ardência na arte da leitura e na “contação” de histórias. Vou falar sobre o meu colega, companheiro e amigo ELIAS JOSÉ (assim mesmo com letras maiúsculas).

Elias foi diretor da Escola Estadual “Dr. Benedito Leite Ribeiro”, em Guaxupé, escola dos anos finais do Ensino Fundamental e de Ensino Médio. Por quatro anos fomos colegas, ambos diretores de escola e na sequência, trabalhamos por quatro anos: ele na direção da “Dr. Benedito” e eu como Analista da Educação (antigo cargo de Inspetor Escolar). Elias foi, portanto, diretor por oito anos consecutivos. E acredito que foi por essa época (a partir de 1993) que ele deixou de se dedicar aos livros e passou a ser diretor de tempo integral e também palestrante.

O que sempre me encantou no Elias, além da inteligência, da alegria, da cultura foia sua humildade. Nunca fez política nem propaganda de si mesmo. Eu me sentia constrangida, toda vez que ele me dava satisfações de alguma palestra que exigia a sua ausência da cidade. Fazia questão de me avisar por quanto tempo se ausentaria e de como reporia as horas.

Comandava uma escola com mais de 2000 (dois mil) alunos, centenas de servidores e nunca o vi se impor pela força. Nunca um servidor, pai ou aluno me trouxe qualquer incidente envolvendo a pessoa do Elias.

Nunca se furtou a novos desafios. Aceitava participar de quaisquer projetos educacionais e não media esforços dando o melhor de si.

Acatava sugestões, sabia elogiar, agradecer e voltar atrás em decisões quando havia argumentos que mostravam seu erro. Conto um acontecido: Certo dia ao chegar de manhã à escola, encontrei vários alunos na calçada, os portões estrancados. Questionei os alunos sobre o que acontecia e me disseram que foram impedidos de entrar por estar sem uniforme, no caso, uma camiseta cinza ou branca. Questionei-os do motivo de estarem sem uniforme. Todos esperavam ter dinheiro para adquiri-la. Aguardavam os pais poder comprá-la ou o recebimento do salário, etc. Pedi que aguardassem e fui falar com o Elias.

Fiz apenas uma pergunta a ele: “Elias, a escola “pública” exige o uso de uniforme e o que ela faz para que essa exigência seja cumprida? Ela fornece a camiseta para os que não podem comprá-la?” Ele me respondeu: “Não... Os alunos precisam comprá-la...” Ao que eu propus: “Então, diretor, vamos colocar os alunos para dentro e aguardar até que possam comprar a camiseta?” Assim foi feito.

Tive oportunidade de ouvir algumas palestras do Elias e vê-lo usando livros de outros escritores, nos fazendo ver encantamento em textos que talvez, sozinhos, não enxergássemos.

Enfim, o Elias mereceu todas as homenagens, prêmios e medalhas que recebeu. Poucos dias antes de sua morte, a Escola Estadual Dr. André Cortez Granero, através do Grupo Experimental de Teatro Proscênio, apresentou uma compilação de textos denominados: EU LIA, TU ELIAS. Foi tudo mágico!

O Elias José jamais morrerá, viverá eternamente nas centenas de personagens que criou.

Sára Maria Caixeta de Oliveira se confessa admiradora de Elias José, conhecendo-o como escritor. Admiração que cresceu com a convivência no trabalho.

Tive o prazer de ser apresentada a Elias José no início da década de 1980, quando passei a residir em Monte Santo de Minas, cidade que sempre valorizou, divulgou e enalteceu a obra do escritor mineiro.

Meus filhos cresceram ouvindo histórias de Elias José. No aniversário de três anos do meu filho mais velho, o motivo do bolo foi a fazenda de Pitu, conforme desejo do aniversariante que se encantara com o mundo da personagem do livro “As Curtições de Pitu”.

Anos mais tarde, Diretora da Superintendência Regional de Ensino, acompanhei o trabalho de Elias como Diretor da Escola Estadual Dr. Benedito Leite Ribeiro e a especial atenção dispensada à biblioteca, espaço que ele batizara de “coração da escola”.

Os encontros com o escritor na SRE eram sempre oportunidades maravilhosas de aprendizado. E, por tudo que com ele aprendíamos, o reverenciamos: no ano 2000, a jurisdição escolar o homenageou por sua exitosa trajetória, durante o 1º Congresso Regional de Educação, em São Sebastião do Paraíso.

Elias José também teve o reconhecimento do Governador Itamar Franco que, em 2001, outorgou-lhe a Gran Medalha da Educação, em cerimônia no Palácio da Liberdade, em Belo Horizonte.